



Universidade Estadual de Londrina

JOANA LUISA DA SILVA MENDONÇA

**PRÁTICA E CONSCIÊNCIA DE REGRAS NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA: O JOGO DE BOLA QUEIMADA**

LONDRINA
2011

JOANA LUISA DA SILVA MENDONÇA

**PRÁTICA E CONSCIÊNCIA DE REGRAS NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA: O JOGO DE BOLA QUEIMADA**

Monografia do Curso de Especialização
Educação Física na Educação Básica da
Universidade Estadual de Londrina.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Ana Cláudia Saladini

LONDRINA
2011

JOANA LUISA DA SILVA MENDONÇA

**PRÁTICA E CONSCIÊNCIA DE REGRAS NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA: O JOGO DE BOLA QUEIMADA**

Monografia do Curso de Especialização
Educação Física na Educação Básica da
Universidade Estadual de Londrina.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Orientadora Ana Cláudia Saladini
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. Orlando Mendes Fogaça Junior
Universidade Estadual de Londrina

Prof^a. Luana Cristine Franzini da Silva
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, _____ de _____ de _____.

Dedico este trabalho ao meu pai Leoncio e a
minha mãe Julieta, por todo apoio e atenção.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora Ana Cláudia não só pela constante orientação neste trabalho, mas sobretudo pela sua generosidade, carinho e atenção durante todo o processo de construção do trabalho e a oportunidade de aprender mais sobre os estudos de Jean Piaget, o qual sempre me encantou e agora mais.

Aos meus pais Leoncio e Julieta e irmão Niltinho agradeço pela compreensão, paciência e atenção durante toda minha caminhada e minhas desculpas pelas faltas que cometi, pelas angústias, pelos estresses que me acompanharam durante este processo. Eu os amo mais que tudo!

Ao meu namorado lindo Rafael que sempre com carinho, amor e a maior paciência do mundo esteve ao meu lado para tudo o que precisei, até nos momentos de “crise” em que estive desanimada e quis desistir de tudo, pela grande carga de obrigações que eu tinha a cumprir. Obrigada, mil vezes obrigada! Você é importantíssimo em minha vida, te amo!

Agradeço também, pelo incentivo constante da minha prima Carla, pela colaboração e participação, principalmente na parte metodológica. Sem você seria muito difícil concluir este trabalho! Obrigada!

Gostaria de agradecer também, algumas pessoas que contribuíram para que este trabalho fosse concluído. As professoras, diretora, coordenadora e alunos da escola onde fiz as entrevistas. Muito obrigada a todos!

MENDONÇA, Joana Luisa da Silva. **Prática e consciência de regras nas aulas de Educação Física: o jogo de bola queimada**. 2011. 68. Monografia (Especialização de Educação Física na Educação Básica) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

RESUMO

A essência da moral é constituída por um conjunto de regras e pelo respeito que adquirimos por elas. Dessa forma voltamos nosso foco de estudo para os estágios da consciência de regras sobre o jogo de bola queimada, pois pensamos que é a partir desse conhecimento que poderemos entender as atitudes das crianças e das pessoas. Sendo assim, notamos que só poderemos viver bem em sociedade se conseguirmos respeitar as regras e normas vigentes nela e se compreendermos seu real significado. Afinal, é necessário que busquemos compreender o porquê da existência de determinada regra e se realmente é para o bem coletivo. Só que esta noção não é dada e nem transmitida, é construída à medida que o sujeito se sente parte integrante no processo de construção dessas regras. Para isso, investigamos como ocorre este processo da tomada de consciência. Especificamente, neste trabalho, trouxemos esta discussão para a disciplina de Educação Física, já que a Motricidade Humana, em uma de suas vertentes, busca a compreensão e transformação da sociedade, por meio de construções coletivas, éticas e respeito a si e ao próximo, assim como a moralidade. A forma que encontramos de investigar especificamente a moral das crianças nas escolas, foi por meio de conhecer e analisar o respeito que as crianças têm pelas regras do jogo de bola queimada. Na disciplina da Educação Física, portanto, utilizamos o conteúdo jogo de bola queimada, pois ele é uma manifestação cultural e muito praticado pelas crianças. A partir das entrevistas foi possível conhecer e analisar o respeito que as crianças têm pelas regras do jogo, categorizando-as em três estágios de consciência das regras. O que podemos verificar foi que mesmo crianças de idades diferentes podem se encontrar no mesmo estágio de consciência de regras, concluindo então que a construção da compreensão é individual, sendo esta subjetiva.

Palavras-chave: Moralidade. Regras. Bola queimada. Educação Física. Tomada de consciência.

MENDONÇA, Joana Luisa da Silva. **Rules of practice and awareness in physical education classes: the dodgeball game.** 2011. 68. Monografia (Especialização de Educação Física na Educação Básica) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

ABSTRACT

The essence of morality consists of a set of rules and the respect we have gained by it. Thus we turn our focus to study the stages of awareness of rules about the dodgeball game because we think it's from this knowledge we can understand the attitudes of children and people. Thus, we note that we can only live well in society if we respect the rules and regulations and if we understand its real meaning. After all, it's necessary that we seek to understand why the existence of certain rule and if it really is for the collective good. Except that this notion is not given nor transmitted, is constructed as the subject feels an integral part in the construction of these rules. For this, we investigated how this process occurs in awareness. Specifically, this work, we brought this discussion to the discipline of Physical Education, Human Kinetics since, in one of its aspects, and seeks to understand the transformation of society through collective construction, ethical and respect themselves and others, and morality. The way we found to specifically investigate the morals of children in schools has been through to get to know and analyze the respect they have children the rules of the dodgeball game. In the discipline of Physical Education, therefore, use the dodgeball game content as it's a cultural manifestation and much practiced by the children. From these interviews it was possible to analyze and respect that children have play by the rules, categorizing them into three stages of awareness of the rules. What we can see is that even children of different ages can be found at the same stage of awareness of rules, then concluding that the construction of understanding is an individual, which is subjective.

Keywords: Morality. Rules. Dodgeball. Physical Education. Take of consciousness.

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1 – Crianças entrevistadas..... | 43 |
|---|----|

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| CAPÍTULO 1 – MORALIDADE HUMANA: PROCESSO E DESENVOLVIMENTO . | 13 |
| 1.1 O Processo da Tomada de Consciência | 20 |
| CAPÍTULO 2 – EDUCAÇÃO FÍSICA, MOTRICIDADE HUMANA E O JOGO | 25 |
| 2.1 O JOGO | 31 |
| CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA | 37 |
| 3.1 CATEGORIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS | 39 |
| 3.2 ANÁLISE DOS DADOS..... | 40 |
| CONCLUSÃO | 45 |
| REFERÊNCIAS | 47 |
| APÊNDICES | 49 |
| APÊNDICE A – Roteiro de perguntas para entrevista | 50 |
| APÊNDICE B – Mir. (8 anos)..... | 51 |
| APÊNDICE C – Ant. (8 anos)..... | 52 |
| APÊNDICE D – Gab. (8 anos)..... | 53 |
| APÊNDICE E – Reb. (8 anos) | 54 |
| APÊNDICE F – Ama. (8 anos) | 55 |
| APÊNDICE G – Kai. (8 anos) | 56 |
| APÊNDICE H – Car. (8 anos)..... | 57 |
| APÊNDICE I – Ste. (8 anos)..... | 58 |
| APÊNDICE J – Níc. (8 anos)..... | 59 |
| APÊNDICE K – Ped. B. (8 anos)..... | 60 |
| APÊNDICE L – Ped. C. (9 anos) | 61 |
| APÊNDICE M – Gus. Z.. (10 anos) | 62 |

| | |
|-------------------------------------|----|
| APÊNDICE N – And. (10 anos) | 63 |
| APÊNDICE O – Iná. (9 anos) | 64 |
| APÊNDICE P – Gui. (9 anos) | 65 |
| APÊNDICE Q – Joa. (9 anos) | 66 |
| APÊNDICE R – Luc. S. (9 anos) | 67 |
| APÊNDICE S – Luc. G. (9 anos) | 68 |
| APÊNDICE T – Eme. (9 anos) | 69 |
| APÊNDICE U – Let. (9 anos) | 70 |

INTRODUÇÃO

Após escrever meu Trabalho de Conclusão de Curso e me graduar em Licenciatura em Educação Física no ano de 2009, iniciei a especialização em Educação Física na Educação Básica, a fim de continuar e aprofundar meus estudos. Sabendo que teria que realizar outra pesquisa, desta vez para monografia, fiquei em dúvida sobre o assunto a investigar. Só tinha certeza de que utilizaria, como referencial teórico, os estudos de Piaget, o qual desde muito tempo me interessa.

Ao conversar com minha orientadora e dizer que gostaria de estudar algo sobre a teoria de Piaget, mas ainda não sabia o quê, ela sugeriu que eu fizesse a leitura de textos sobre moral. Comecei então a estudar sobre o assunto e me interessei bastante, afinal em primeiro lugar, no meu trabalho me deparo direto com situações de discussões, brigas e ofensas entre as crianças e assim como em nossas vidas, convivemos o tempo todo com deveres e regras no relacionamento social.

Como trabalho em uma escola, antes de iniciar os estudos para esta pesquisa, já havia percebido que muitas das discussões e brigas entre as crianças acontecem por conta do comportamento moral estabelecido pela sociedade, que algumas pessoas seguem “fielmente” e outras não.

Penso que este estudo seja muito importante neste momento, pois principalmente nos dias atuais, notamos uma grande falta de respeito entre os povos e a desigualdade é enorme. Uma boa parte da população mundial se preocupa em estabelecer ou, se possível, melhorar as relações sociais. Afinal, percebemos que o mundo “é um todo”, nós somos “um todo” e dependemos uns dos outros para sobreviver e isso só será possível se cultivarmos nossa moral de maneira significativa para que seja possível conseguirmos respeitar uns aos outros e as regras e normas vigentes na sociedade na qual vivemos.

Especificamente na aula de Educação Física, penso que possamos contribuir para o desenvolvimento moral do sujeito. E, para conseguirmos isso, procuramos neste trabalho observar e analisar: Qual a consciência e a prática das crianças sobre as regras do jogo de bola queimada?

O professor de Educação Física deve ser responsável por promover, junto aos estudantes, a construção e compreensão de sua motricidade. Neste sentido, o objetivo maior dessa disciplina é de promover, nos estudantes, a tomada de consciência de sua motricidade e de se perceber como agente transformador da sociedade. Portanto, ao se conviver em sociedade e ser um agente transformador, é necessário que conheça e respeite as regras estabelecidas por esta. Dessa maneira, buscamos com este trabalho conhecer e analisar o respeito que as crianças têm pelas regras do jogo de bola queimada.

No esforço de compreender a temática apresentada, listamos os seguintes objetivos específicos: (1) relacionar as atitudes em situações de jogo à moralidade do sujeito; (2) identificar se as crianças têm consciência das regras (elementares) para se jogar o jogo de bola queimada.

Portanto, podemos dizer que é a partir da consciência social que tais crianças possuem e conhecendo-a, que o professor conseguirá elaborar situações de ensino que poderão promover nos estudantes sentido e significado na aprendizagem, contribuindo para a compreensão de sua motricidade e desenvolvimento de sua moral.

Para tanto, o trabalho será fundamentado nos estudos sobre o Juízo Moral na criança que Jean Piaget apresentou, além disto buscaremos apresentar a relação entre a moralidade e a Motricidade Humana apresentada por Manuel Sérgio. Neste contexto, veremos a relação entre a Educação Física e essas teorias, pois pensamos serem essas teorias que nos oferecem um suporte para compreender a ação do sujeito e suas intencionalidades, bem como suas implicações para a ação docente nas aulas de Educação Física.

CAPÍTULO 1

MORALIDADE HUMANA: PROCESSO E DESENVOLVIMENTO

Hoje em dia é muito comum ouvir pessoas, principalmente aquelas com maior experiência de vida dizendo que não se vê moral nas pessoas, que os princípios estão perdidos, e que os pais não passam mais isso aos seus filhos e que, por esse motivo, vemos tanta violência não só física, mas também verbal, entre outras, apresentando assim desrespeito entre uns e outros.

Assim, também percebemos nitidamente essa “falta” da moral nas escolas, com a violência gratuita entre as crianças, em discussões cotidianas e também entre estudantes e professores. Mas, qual será o real motivo pelo qual as pessoas têm dificuldade em se respeitarem e tentarem se colocar no lugar do outro?

O que temos visto, na verdade, são pais transmitindo aos seus filhos valores como de aparência, valor do ter e não do ser, valor do minuto de sucesso. Portanto, hoje, as crianças, na maioria das vezes, não tem tido um referencial claro de valor moral, pois tais valores morais são diferentes de tudo isso. E esses outros valores visam a si mesmo e o valor moral é pensado no bem comum.

Nesse cenário, é importante estudarmos sobre a prática e consciência das regras, porque ao falarmos de moral, estamos nos referindo diretamente à questão do respeito às regras. Afinal, nossa sociedade está coberta delas e se realmente buscamos fazer parte desta sociedade é imprescindível segui-las, procurando assim, o bem comum.

De acordo com Piaget (1977, p. 2) “toda moral consiste num sistema de regras e a essência de toda a moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por estas regras”.

Para investigarmos como a criança pratica e compreende as regras de um jogo, é necessário entendermos como acontece o desenvolvimento da moral do ser humano. Para isso, nos fundamentaremos na teoria de Jean Piaget (1994) e teremos a contribuição de autores como La Taille (1992), Vinha (2000), Silva (2009) e outros, por se tratarem de referências para pesquisadores da moralidade humana.

Notamos que os seres humanos fazem diariamente “considerações sobre o outro”. Desse modo, mostramos que “temos receio do julgamento de outras

peças” e também, “questionamos as ações dos outros, julgando de acordo com os nossos valores aquilo que os outros fazem” (HAGUETTE, 1986 apud VINHA, 2000, p. 37).

Neste sentido, podemos dizer que “a ação humana é orientada por valores e princípios”. Sendo assim, “nosso agir não é automático” (HAGUETTE, 1986 apud VINHA, 2000, p. 37). Isso quer dizer que, ao mesmo tempo em que nós agimos e julgamos as pessoas de acordo com nossos valores e princípios, temos receio de que estas pessoas nos julguem dessa mesma forma. Por isso não é automático, é orientado por aquilo que acreditamos ser o mais correto.

Conforme Vinha (2000, p. 38), a moralidade:

[...] está inserida no aspecto social, pois refere-se sempre a uma situação interativa, isto é, o sujeito com relação ao outro. Se a questão é “como devo agir perante o outro?”, logicamente é preciso haver o outro, e, em qualquer relação com outrem é necessária a existência de regras e normas de condutas que orientem essas relações.

Para explicar sobre a construção do respeito às normas, Piaget iniciou suas pesquisas escolhendo uma atividade muito comum entre os seres humanos: o jogo. Escolheu para sua pesquisa o jogo de bola de gude para os meninos e o da amarelinha para as meninas.

Neste sentido, Piaget observou que “a evolução da prática e da consciência da regra pode ser dividida em três estágios: anomia, heteronomia e autonomia (LA TAILLE, 1992, p. 49).

O primeiro estágio é o da anomia, ou seja, ausência total de regras. Predomina no estágio sensório-motor. Por se tratarem de crianças muito pequenas que ainda não possuem fala, dizemos que elas não sentem necessidade das regras, portanto não as cumprem.

Para Silva (2009, p, 27), no estágio da anomia:

[...] as regras são apenas de hábitos de conduta, coisas que são necessárias realizar, como, por exemplo, hora de comer, de escovar dentes [...] Tais regras ainda não estão associadas para a criança a valores como o bem e o mal. [...] Portanto, a falta da noção de normas ou de certas obrigações nesse período são circunstâncias que também irão exercer influência na elaboração das regras de forma geral.

O segundo estágio é o da heteronomia, “a regra é considerada sagrada e intangível, de origem adulta e de essência eterna; toda modificação proposta é considerada pela criança como uma transgressão” (PIAGET, 1994, p. 34), ou seja, se a regra for determinada por um “superior”, quer dizer que não poderá ser quebrada, pois se isso acontecer acredita que terá uma consequência ruim, por exemplo: perderá o direito de fazer uma atividade de que gosta, ficará de castigo, sofrerá humilhação, etc.

Vinha (2003, p. 15) descreve a heteronomia como:

[...] a moralidade não contratual. Este tipo de moral é circunstancial, ou seja, depende de fatores exteriores, como pressões, condições, ordens, etc. A heteronomia é resultante das relações de respeito unilateral, que é o respeito que a criança sente pelo adulto, engendra em submissão, pois o justo defini-se pela obediência.

O terceiro estágio é o da autonomia onde “a regra é considerada como uma lei imposta pelo consentimento mútuo, cujo respeito é obrigatório, o sujeito deseja ser leal, permitindo-se, todavia, transformá-la à vontade, desde que haja o consenso geral” (PIAGET, 1994, p. 34). Neste estágio, o indivíduo já consegue conviver e respeitar um grupo, por meio de regras feitas e cumpridas em conjunto e saber distinguir quando uma regra não cabe a uma determinada situação e a partir daí questioná-la.

Para Silva (2009, p. 47), na autonomia:

[...] os princípios vão sendo progressivamente construídos pela própria pessoa e revestidos de afetividade, tornando-se valores. Não é mais o “dever”. Isso é possível ser construído e vivido com outros a partir das relações de cooperação.

Portanto, na medida em que a criança vai se tornando mais madura conscientemente, substitui a coação pela cooperação, ou seja, a cooperação acontece à medida que consegue compreender o sentido das regras (o porquê da sua existência e qual sua finalidade). A partir deste momento, a criança percebe que a regra foi construída por convenção social, portanto, pensada no bem comum.

Então a criança, não mais respeita as regras somente porque alguém mandou, mas por entender o seu significado.

A partir dos dados coletados, “[...] Piaget formulou a hipótese de que o desenvolvimento do juízo moral – quer dizer, aquele da prática e da compreensão das regras propriamente ditas morais – seguiria as mesmas etapas”. E para constatar, iniciou pesquisando as concepções das crianças a respeito dos deveres morais (LA TAILLE, 1992, p. 50, 51).

Pensemos por quais motivos Piaget optou por continuar sua pesquisa com o tema do dever:

Em primeiro lugar, o ingresso da criança no universo moral certamente se dá pela aprendizagem de diversos deveres a ela impostos pelos pais e adultos [...]. Em segundo lugar, tal imposição é perfeitamente possível na fase de heteronomia da criança: se ela já está inclinada a aceitar como inquestionáveis regras de jogos, provavelmente reagirá da mesma forma a regras morais (LA TAILLE, 1992, p. 51).

Para constatar suas hipóteses, Piaget investigou as concepções morais das crianças em três situações: o dano material, a mentira e o roubo. “O método empregado consistiu em fazer com que as crianças desempenhassem o papel de pequenos juízes, cuja tarefa seria a de tomar posição sobre diversos dilemas morais” (LA TAILLE, 1992, p. 51).

A partir dessa investigação, Piaget constatou que o desenvolvimento do juízo moral se inicia na fase da heteronomia, pois na fase da anomia a pesquisa é difícil de realizar pela pouca idade das crianças. Essa heteronomia, portanto é traduzida pelo realismo moral, apresentando três características:

1) é considerado bom todo o ato que revela uma obediência às regras ou aos adultos que as impuseram; 2) é ao pé da letra, e não no seu espírito, que as regras são interpretadas; 3) há uma concepção objetiva da responsabilidade, ou seja, julga-se pelas conseqüências dos atos e não pela intencionalidade daqueles que agiram (LA TAILLE, 1992, p. 51).

Portanto, o realismo moral é a fase em que a criança possui seus deveres e valores inconscientemente, submetendo-se a todo julgamento e a toda

ordem da maneira como foi estabelecida, temendo suas consequências se essas não forem cumpridas.

Na fase do realismo moral, a criança julga pelo aspecto exterior da ação e não pela intencionalidade da mesma, do mesmo modo, quando se julga uma mentira, o maior culpado será sempre aquele que com seu engano obteve um resultado mais prejudicial do que aquele que mentiu premeditadamente.

Nesta fase, as normas morais não são elaboradas ou reelaboradas pela consciência, desta maneira não são entendidas a partir de uma função social:

O dever significa tão-somente obediência a uma lei revelada e imposta pelos adultos. As razões de ser destas leis são desconhecidas; logo, não entram como critério para o juízo moral. Tal fato fica particularmente claro em relação à intencionalidade, elemento subjetivo essencial à nossa moralidade (LA TAILLE, 1992, p. 52).

A criança não desconhece as ações intencionais, mas este conhecimento ainda não faz parte de seu universo moral, como critério para julgamento de suas ações e dos outros. Somente quando ela compreender os deveres como obrigações mútuas, é que as intencionalidades farão parte desse universo.

Para concluir suas pesquisas, Piaget trata do tema da justiça:

De fato, enquanto um dever se cumpre, a justiça se faz". "[...] a justiça representa mais um ideal, uma meta, portanto algo a ser conquistado, um bem a ser realizado. A cada momento, deve-se decidir como fazer justiça [...] (LA TAILLE, 1992, p. 53).

Neste tema da justiça, Piaget encontrou novamente uma fase de heteronomia anterior à autonomia. Essa heteronomia traduz-se pelo fato de que para a criança pequena, a justiça se confunde com a lei e com a autoridade (LA TAILLE, 1992, p. 53).

Para as crianças todo crime deverá ser castigado: e são extremamente severas, pois para elas quanto mais duro o castigo, mais justo é. Pensam que somente assim, o crime dificilmente voltará a ser cometido.

Do mesmo modo, quanto menor a criança maior a crença de que toda ordem adulta é justa e deve ser obedecida. Conforme vão crescendo começam a perceber que a ordem talvez não seja justa, mas acreditam que a obediência é obrigatória. Quando estas crianças já estão perto da pré-adolescência já são capazes de perceber as ordens injustas e a não mais aceitá-las. Notamos então, que este sujeito já consegue separar a noção de justiça daquela de autoridade e esse é o ponto principal da autonomia moral.

Contudo, diariamente consideramos “boa”, “justa” ou “correta” aquela pessoa que segue princípios ou valores como ser honesto, compartilhar, etc. Porém, para Piaget, o mais importante não é possuir o valor moral, mas saber o motivo pelo qual se segue aquele valor ou princípio (VINHA, 2000, p. 38). Da mesma maneira, devemos pensar em não seguir regras apenas por serem regras, mas segui-las sabendo o motivo pelo qual se tornaram regras.

“Dessa forma, a moralidade é algo bem mais amplo do que saber quais são as boas leis, [...]; a moralidade implica em refletir no porquê seguir certas regras ou leis e não outras, muito mais do que simplesmente obedecê-las” (MENIN, 1996 apud VINHA, 2000, p. 38).

Portanto, foi visto que para Piaget, “o valor moral de uma ação não está na mera obediência às regras determinadas socialmente, mas no porquê elas são obedecidas: no princípio inerente a cada ação” (ARAÚJO, 1993 apud VINHA, 2000, p. 40).

Assim, como Piaget nos mostrou que o desenvolvimento da inteligência é um processo de construção interior do sujeito, do mesmo modo ele nos mostrou que o desenvolvimento moral também é um processo de construção interior, que as regras só se tornam próprias da criança, quando elas se sentem participantes no processo de construção destas.

Deste modo, a moralidade é construída à medida que o sujeito interage com o meio e com o outro. Conforme suas experiências com pessoas e situações, os traços de personalidade do sujeito são construídos, assim “uma criança aprende o que vive e se torna aquilo que experimenta” (VINHA, 2000, p. 40).

Neste sentido, podemos dizer que o desenvolvimento moral é influenciado por:

emoções, pelos juízos morais, pela capacidade de inibir condutas anti-sociais e pela capacidade de iniciar condutas valorizadas como morais. Todo esse processo está relacionado a uma etapa evolutiva, a uma cultura e a um processo de socialização (PIFERRER, 1992 apud VINHA, 2000, p. 38).

Afinal, no momento em que o sujeito tem a intenção de viver numa perspectiva social mais ampla, ele busca o bem comum, ou seja, começa a pensar as regras em função de si e do outro.

Dessa forma, é a partir da vivência da cooperação, por exemplo, “emprestarei o lápis para meu colega ao lado, pois sei que quando eu precisar ele irá me emprestar”, começará a pensar na convivência com um grupo maior de pessoas, conseqüentemente na sociedade em que se vive e por fim, no mundo todo. Assim, acontece a evolução moral, não somente moral, mas também social.

Neste sentido, não adianta tentar ensinar sobre moralidade, pois “é somente a partir da troca do sujeito com o meio no qual está inserido, que ele vai, aos poucos, construindo os seus próprios valores morais” (VINHA, 2000, p. 40). Isso pode ser chamado de troca entre pares, ou seja, a partir de seu relacionamento com um amigo é que se consegue estabelecer as relações necessárias para a compreensão do bem comum.

Portanto, se esta relação é feita com alguém superior, por exemplo o pai ou a mãe, fica mais difícil, pois sempre terá que obedecê-los e por mais que não o faça, eles continuaram o amando, ao contrário do amigo, que caso não o respeite ou o magoe, poderá deixar de ser seu amigo e neste caso, sentirá a necessidade de rever seus atos e perceberá que o que fez não é o mais correto para se conseguir viver bem em sociedade.

Isso fica mais claro com o exemplo da mentira. Se a criança mente para seu pai poderá sofrer alguma sanção ou castigo, mas seu pai continuará ser seu pai. Mas, quando ela mente para um amigo, o amigo não tem autoridade para puni-la, porém, pode deixar de ser seu amigo e ao perder essa amizade que é tão importante, ela irá percebendo que o que fez é ruim, que não é adequado e pensará antes de cometê-la novamente. Porque “com a mentira, uma relação social não se sustenta” (LA TAILLE, 2011), pois isso é o contrário do respeito mútuo, que é o que faz as pessoas conviverem em sociedade.

Viver bem em comunidade é o que todos os seres humanos esperam e isso é possível à medida que cada pessoa se sente integrante daquela comunidade e responsável pelas relações que nela estabelece. No momento em que ela é acolhida, em que pode dialogar de igual para igual e expressar suas emoções e sentimentos.

Portanto, é dessa maneira que dizemos que a relação entre pares, em que nenhum dos dois tem um nível de autoridade maior sobre o outro, é importante, pois é o momento em que ocorrem trocas cognitivas, que lhe permitirão a construção de seus valores morais, enfim da sua moralidade. E isso é muito propício à escola.

Enfim, se o objetivo da escola é propiciar ao aluno que ele seja capaz de refletir, expressar e verbalizar sempre que lhe parecer necessário para apropriar-se e compreender o conteúdo ensinado pelo professor, sempre realizando estas trocas cognitivas com seus colegas de turma, fica claro, portanto, o quão importante é discutirmos como acontece o processo de tomada de consciência, para que a partir dela, os alunos possam agir moralmente.

1.1 O PROCESSO DE TOMADA DE CONSCIÊNCIA

Considerando que a tarefa da escola é auxiliar o sujeito na compreensão da realidade e, especificamente na Educação Física, na compreensão da motricidade, entendemos que torna-se imprescindível investigarmos o processo de tomada de consciência. Afinal, trata-se de um dos elementos fundamentais para que ocorra, não só, a aprendizagem e compreensão dos conteúdos estudados na escola, como também, é essencial para a formação moral do sujeito.

Sendo assim, neste nosso trabalho vamos observar a compreensão que as crianças têm sobre as regras do jogo de bola queimada e que se organiza em diferentes estágios.

A compreensão de um conhecimento seja ele no âmbito físico, matemático, afetivo ou social, fica garantida à medida que o sujeito toma consciência desses elementos. Não se trata apenas da experiência vivida. É preciso considerar os fatores endógenos.

Como sabemos, para tudo o que o ser humano vá fazer ele se expressa, toda expressão é uma ação e toda ação é corporal. Sendo assim, Freire (1996, p. 45) afirma que:

[...] as ações motoras são integradoras [...]. Toda ação tem uma lógica e só faz sentido em um determinado contexto, sempre animada pelo afeto. Porém, dependendo da metodologia de ensino, o sujeito da ação pode ter maior ou menor consciência daquilo que faz. E essa consciência depende do quanto sua atenção está voltada para a ação praticada. Se o sujeito pode testemunhar a própria ação, ele pode vir a ser consciente dela, caso contrário não.

O autor expõe que não é preciso, ao professor, convencer o aluno a ser crítico, apenas deve auxiliá-lo a voltar seus instrumentos de reflexão para a ação própria e a ver dentro de si. Assim sendo, poderá pensar sobre essa ação e criticá-la. (p. 46)

Neste sentido, Piaget diz que “a tomada de consciência é bem posterior à ação”, pois boa parte do “trabalho cognitivo” do indivíduo, “em sua pesquisa de soluções de problemas, permanece inconsciente quando a ação é bem sucedida” (1978, p. 124).

“Quer dizer que o indivíduo lança mão da tomada de consciência enquanto não tem necessidade dela” (BRINGUIER, 1978, p. 124). Contudo, o professor deve promover no aluno esta necessidade.

Geralmente, os alunos desviam sua atenção aos “resultados da ação ou para seu ponto inicial”. Pode-se dizer que, “raramente o aluno consegue estar atento para acompanhar conscientemente o processo de sua própria ação”. (FREIRE, 1996, p. 46) Esse “afastamento” de atenção nos remete diretamente a prática pedagógica do professor, afinal, é de acordo com seus objetivos e sua intencionalidade que o estudante será “influenciado” a agir e refletir de certo modo e não de outro.

Dessa forma, percebemos que o aluno precisa do professor para auxiliá-lo nessa tomada de consciência. Freire (1996) sugere ao professor que, ao planejar suas aulas é necessário pensar em criar situações de ensino que possam tornar-se interessantes para seus educandos, pois que gerem conflitos (preocupações, dificuldades encontradas durante a ação) e contradições, que perturbem o praticante e que provoquem a busca de soluções, mas que estejam ao

seu alcance. Portanto, não é possível que o sujeito seja perturbado pelo que não conhece.

Assim sendo, quando o estudante está frente a frente com o desconhecido acessível, possui diversas oportunidades para ver sua própria ação. Ver dentro de si, testemunhando-a, tornando-se consciente dela. “Ter consciência é ver a própria ação dentro de si, tomando em relação a ela, uma distância adequada. Somente quando pode trazer a ação externa para dentro de si é que ele poderá pensá-la, criticá-la e modificá-la.” (FREIRE, 1996, p. 47).

O estudante então, vê nessa ação o próprio corpo em movimento, suas relações com os outros, seus erros e acertos, coloca coisas em dúvidas e reconsidera atitudes.

Neste sentido o autor define a tomada de consciência da ação como:

[...] tomar consciência das coordenações que permitam tal ação. Essas coordenações referem-se à relação entre músculos, entre pessoas, entre sentimentos, entre razão e emoção, entre objetos e tempo, objetos e espaços, e assim por diante. Quanto mais complexa a ação, mais elaborado pode ser o nível de consciência. O aluno só pode saber de si, dos outros e do mundo, quando pode ter consciência de si e das suas relações com os outros. (FREIRE, 1996, p. 47).

Complementando a definição de Freire apresentamos aqui, um esclarecimento de Piaget sobre a tomada de consciência: “a tomada de consciência está muito longe de se reduzir a um esclarecimento da ação”. O autor define, portanto resumidamente a tomada de consciência como “uma reconstituição conceitual do que tem feito a ação” (1978, p. 126). Dessa forma o autor quer dizer que, reconstituir mentalmente o que foi feito na ação é muito mais complexo do que a própria ação realizada.

“Trata-se de reaprender no plano do pensamento o que já aprendemos no plano da ação. Essa interiorização é na realidade uma nova estruturação; é não apenas uma tradução, mas uma reestruturação” (PPG, p. 21 apud BECKER, 1993, p. 98).

Neste processo de reconstrução conceitual da ação, há relações entre diversos momentos da ação.

Enfim, para Piaget a tomada de consciência é a interpretação e a explicação da ação. Quer dizer que no processo de tomada de consciência a compreensão está centrada nos mecanismos que permitiram atingir um determinado objeto.

Ao compreendermos, portanto, “o que tínhamos feito, abrimos novas possibilidades”, por exemplo, de refazer a mesma coisa ou de refazer modificando, “mas com um campo de generalização muito mais amplo” (PIAGET, 1978, p. 127).

Podemos dizer que o que traz a ação externa para o mundo interior do sujeito, são as perguntas que ele faz para si mesmo. Dessa forma, “o processo de tomada de consciência é desencadeado por uma questão que só pode ser feita pelo próprio sujeito”, a partir de “algum acontecimento que coloque em dúvida a ação realizada”, Freire (1996, p. 47 - 48). Na escola, este acontecimento deverá ser provocado pelos professores na sua ação de ensinar e no caso deste estudo, mais especificamente pelo professor de Educação Física.

Este “provocamento” feito pelo professor chamamos de conflito cognitivo. O qual é realizado pelo professor, várias questões em cima de uma dúvida do aluno, para que ele possa refletir e responder da melhor forma a sua questão inicial.

De acordo com Palma et al. (2008, p. 36):

As aulas de Educação Física devem ser entendidas como espaços concretos para construção da compreensão da motricidade humana [...]. Portanto, deve ser compreendida pelo professor como uma manifestação viva e complexa da corporeidade.

A ação motora está presente na vida do ser humano por meio de suas manifestações corporais. Tendo como princípio que essas ações são complexas e concretizadas pelos movimentos, portanto possuem significado e intencionalidade, transformam-se em meios de adaptação, transformação e de interação do ser humano no e com o mundo (PAMA; PALMA, 2005 apud PALMA et al., 2008, p. 35).

Podemos concluir, assim, que é a partir da Motricidade Humana e com o objetivo de levar este aluno a entender-se como um ser agente e transformador da sua vida e, por extensão, da sociedade, que o professor auxiliará

seu estudante no processo de tomada de consciência, que será atingido após ter domínio e a compreensão sobre determinado conhecimento.

Logo, para que possamos entender a relação da moralidade com a Educação Física, no próximo capítulo, apresentaremos um breve histórico desta disciplina e de acordo com a teoria que seguimos hoje, desta área de estudo, elucidaremos em que momento é possível relacioná-las.

CAPÍTULO 2

EDUCAÇÃO FÍSICA, MOTRICIDADE HUMANA E O JOGO

Para conseguirmos relacionar a Educação Física à moralidade, precisamos fazer um breve levantamento histórico desta disciplina e apresentar a teoria na qual nos sustentamos, nesta área de ensino, a Motricidade Humana de Manuel Sérgio.

A Educação Física nasce, no Brasil, com o nome de ginástica, no final do século XIX em um momento em que o país vive a transição do período de escravidão para o capitalismo com a intenção de formação de um homem novo, forte e saudável. A industrialização e a urbanização de algumas regiões do país trouxeram uma série de problemas, como doenças infecciosas advindas de precárias condições de vida e exigiam muito do corpo dos trabalhadores, pois tinham jornadas de trabalho muito longas e deveriam ter o corpo sempre bem preparado para realizar um bom trabalho nas fábricas. Por essa razão, a elite ficou muito preocupada e viu na Educação Física (tratada na época, como Ginástica) uma possibilidade de intervenção na reeducação dos indivíduos sobre seus hábitos higiênicos e saudáveis para preservar a saúde individual e coletiva.

Sendo assim, o que determinava os programas de atividades a serem ensinados, eram as Ciências Biológicas. A partir de então, o autor Gallardo et al. (1998, p. 16) nos mostra como as aulas eram preparadas:

As aulas começaram a ser preparadas separando-se meninos de meninas, pois, para cada sexo, os objetivos eram diferentes: homens produtivos, fortes, talvez futuros militares; mulheres femininas e boas reprodutoras, futuras donas de casa.

O objetivo principal era solucionar o problema da saúde pública por meio da atividade física e o corpo teria que ser sadio, além de garantir momentos de lazer aos trabalhadores e discipliná-los a ter uma vida moralmente sadia, assim como os corpos.

Por volta de 1914, tendo em vista a preocupação com a segurança do território nacional diante do suposto confronto da Primeira Guerra Mundial, a escola vê a necessidade de nas aulas de Educação Física, os alunos receberem uma formação para serem futuros soldados, assim contou-se com a colaboração de militares durante as aulas.

Surge então, a ideia de exigir que os trabalhadores, além de serem habilidosos e capazes de resistir a uma longa jornada de trabalho, fossem preparados para os combates, visando corpos ágeis e fortes, resistentes a qualquer desgaste, equivalente ao de uma máquina. O objetivo da Educação Física neste período era:

A obtenção de uma juventude capaz de suportar o combate, a luta, a guerra. Para tal concepção, a Educação Física deve ser suficientemente rígida para elevar a Nação à condição servidora e defensora da Pátria (GHIRALDELLI JUNIOR, 1991, p. 18).

Ao final da Segunda Guerra Mundial (1945), a Educação Física sob influência norte-americana, inicia a inclusão de atividades esportivas em seu currículo (GHIRALDELLI JUNIOR, 1991).

Dessa forma, surgem as atividades esportivas com o intuito de fazer as crianças compreenderem que devem seguir regras para se conviver harmoniosamente em sociedade.

O objetivo era o rendimento e a revelação de talentos esportivos. Predominava enquanto técnica de ensino o treinamento desportivo.

Assim, a partir de 1964, o caráter tecnicista da Educação Física se faz mais presente. Desejavam, portanto, uma superação individual e que os praticantes desses desportos fossem capazes de conquistarem muitas medalhas olímpicas para o seu país. Para que isso fosse possível a Educação Física na escola foi dividida em duas: uma destinada à elite, a alunos que já tinham um conhecimento prévio de determinado desporto e que deveriam integrar as “Turmas de Treinamento”, originadas por uma resolução da Secretaria do Estado de São Paulo; e outra destinada a alunos que não eram iniciados desportivamente e que continuariam nas “turmas normais de ginástica”, criando assim uma hierarquização desportiva, que só poderia ser alcançada por meio da “massificação” das atividades

desportivas. Foi então, o regime militar que sustentou a Educação Física Competitivista que vigorou entre 1964 e 1985.

Portanto, o que se pretendeu basicamente com essa Educação Física, foi encontrar atletas destaques, verificar a performance dos mesmos e treinar esses corpos, massificadamente para vangloriar seu país com medalhas por meio do desporto.

Em meio a Educação Física Competitivista, em 1971, com a reforma educacional, houve algumas mudanças com relação ao papel da Educação Física. “A principal mudança foi em relação à ampliação da obrigatoriedade da Educação Física a todos os níveis e ramos de escolarização, sendo que a participação nessas aulas era facultativa a alguns alunos [...]”. As intenções do governo nessa época, era de que a Educação Física fosse apenas um instrumento de preparação para o trabalhador e era considerada “uma mera atividade extracurricular”, da maneira como foi vista durante muito tempo pelo Estado, até após os anos 80, como “um elemento sem nenhum comprometimento formativo educacional” (SILVA; VENÂNCIO, 2005, p. 55).

Em meados do final dos anos 80 os estudiosos, perceberam a necessidade de mudança no encaminhamento da Educação Física na escola brasileira. Segundo Tojal (2004), neste período a Educação Física enfrenta uma crise por alguns motivos. Um deles é a limitação do termo Educação Física, pois em nossa cultura, esse termo é reducionista e compreendido apenas como “educador físico” e por esse motivo que o termo Educação Física é utilizado como:

Representação das atividades físicas que são desenvolvidas no sistema escolar formal e que levam à obtenção da saúde e ao desenvolvimento biopsicossocial do indivíduo. Normalmente, é identificada como sendo uma aula livre, baseada em atividades esportivas, sem qualquer preparação ou objetivo a ser alcançado e, na maioria das escolas, é oferecida fora do horário de aulas e em locais adaptados ou pouco adequados (TOJAL, 2004, p. 9-10).

Outro motivo é a falta de cientificidade da Educação Física que gera uma falta de vocabulário próprio levando-a a não ter identidade, ou seja, há uma grande confusão nas terminologias usadas. Pois, até mesmo profissionais da área utilizam diversos termos para representar a Educação Física, tais como: “cultura corporal, atividades físicas e ginásticas” (TOJAL, 2004, p. 10).

Foi nesse período também que os trabalhos do professor Manuel Sérgio chegaram ao Brasil. E com a proposta teórica da Motricidade Humana, influencia e provoca significativas reflexões na crise de identidade desta disciplina.

Na Ciência da Motricidade Humana, o seu autor posicionou-se contrário a visão dualista do corpo, que exalta a alma e desqualifica o corpo, reconheceu, assim, como ultrapassado o pensamento do paradigma cartesiano e estruturou essa nova ciência proposta.

Sérgio (1991, p. 78) ainda, afirma que a Educação Física, deve “procurar entender-se como ciência independente e autônoma e com um objeto de estudo que não ofereça dúvidas sobre seus fundamentos lógicos, epistemológicos e existenciais”.

De acordo com Sérgio (1991), a Educação Física não abrange todo o campo de ações dos seus profissionais, sendo que, como especialistas da ciência da motricidade humana, cabe-lhes por direito próprio trabalhar “desde a motricidade infantil (vulgo psicomotricidade), passando pelo esporte, pela dança, pelo jogo, pela ergonomia e chegando a educação especial e a reabilitação” (SÉRGIO, 1991, p. 101).

A Motricidade Humana tem como objeto de estudo o movimento intencional reflexivo do ser humano, por meio do qual, o homem descobre e se descobre a partir deste movimento, pois este “é o sintoma de múltiplas ações e variados estímulos” (SÉRGIO, 1991, p. 99). Outro objetivo da “Motricidade Humana é que o ser humano se estude e se promova” (p. 90) como ser prático rumo à cultura, ao mundo, aos outros e à transcendência. “E ao objetivar-se na práxis, o homem reflete e projeta o real, a própria teoria transforma-se no conhecimento de um mundo criado pelo homem” (SÉRGIO, 1991, p. 77).

A motricidade, portanto não é o simples movimento, é práxis, e, como tal, cultura. O autor (SÉRGIO, 1991, p. 81) define então, a motricidade como:

a capacidade para o movimento centrífugo da personalização. O movimento é parte de um todo – o ser finito e carente que transcende. A motricidade é o sentido desse todo [...] Ela é uma energia, e não um produto. [...] O produto (o movimento) é uma atividade repetida e repetível, conquanto nunca de maneira perfeitamente idêntica. A energia, por seu turno, revela a natureza intrinsecamente dinâmica do homem, como, aliás, de toda a natureza [...]

Enfim, a Motricidade propõe uma visão sistêmica do homem, ou seja, que considera todos os seus aspectos sejam eles intelectual, moral, social e físico, como um ser humano integral e que está em busca constante da transcendência (ou seja, que deseja ultrapassar/superar a condição atual de vida que lhe é imposta) e dessa maneira ele se mostra um ser prático.

Pode-se então dizer, que a Educação Física continuará alienada enquanto for física, pois leva a uma visão de um homem conformista, de ideia de natureza dividida entre corpo e alma. E justamente por ser:

física, não pode ser raiz do conhecimento, porque isola o físico do intelectual e moral, [...] sendo assim um aglomerado de técnicas, sem qualquer tipo de fundamento válido. Não basta uma prática, é necessária a compreensão da prática, ou seja, a unidade prática-teoria: teoria essa que pretende interpretar e projetar a prática (SÉRGIO, 1991, p. 77).

Dessa forma, a Educação Física deveria estar vinculada diretamente com o paradigma da complexidade, que abrange o ser humano como um todo, tendo como princípio a formação do ser humano integral, imerso em uma sociedade construída por cidadãos críticos e autônomos.

Sendo assim, uma aula fundamentada na Ciência da Motricidade Humana “constitui um espaço de reflexões e de experiências”, portanto, “é na aula, independentemente do espaço físico, que acontecem os processos de educação e de formação humana, traduzido no ensino formal e sistematizado” (PEREIRA, 2006, p. 16).

Nesse sentido, “vários autores procuraram apresentar novas propostas e teorias que levassem a Educação Física a adotar novos conceitos e seguir novos rumos” (TOJAL, 2004, p. 11). Porém, com a proposta da Ciência da Motricidade Humana, surgiu um sinal de esperança no encaminhamento da disciplina Educação Física na década de 80 quando alguns professores tiveram contato com Manuel Sérgio e sua obra, ao verificarem uma ciência com uma visão de ser humano e de corpo, que até então ninguém havia observado.

Destaca-se então, autores como Freire (1989), Tojal (1989) e mais recentemente Pereira (2006), Saladini (2006) e Palma et al. (2008), que escrevem

sobre diferentes perspectivas de ensino da Educação Física na escola, considerando a Ciência da Motricidade Humana como o alicerce dessa discussão.

Observamos então que a Educação Física que inicialmente ocupava-se do movimento realizado pelo ser humano tendo em vista o predomínio dos aspectos biológicos, passa nas últimas décadas do século XX a ocupar-se com o homem que se movimenta. Por esse motivo, em nossas aulas não deveria mais haver a preocupação com a revelação de talentos esportivos, tampouco com a preparação de corpos fortes, ágeis e dóceis como a história nos mostrou.

Portanto, ao falarmos em educação na Educação Física, podemos dizer que é clara a presença da subjetividade, pois quando o homem age, age intencionalmente e na relação com os demais ela está implícita.

Sérgio (2003, p. 24) expõe que, “o ser humano, ninguém conhece na sua pura subjetividade, mas através de sua relação com os outros, com a transcendência e com o movimento intencional da transcendência”.

Podemos assim dizer que o movimento é integrante do ser que cria e recria essa prática e ao agir, o homem conhece-se e reconhece o meio circundante (SILVA, 2009, p. 91). Como ressalta Morin (1999, p. 33), o ato de conhecer “é, ao mesmo tempo, biológico, cerebral, espiritual, lógico, linguístico, cultural, social e histórico, ele não pode dissociar-se da vida humana e das relações sociais”.

Dessa forma, “é necessário superar-se enquanto homem em todas as dimensões em que não fiquem à parte as normas e os valores e, por isso, humanizar-se” (SILVA, 2009, p. 94).

Em relação à moralidade, encontramos aqui o elo com a Motricidade Humana, pois a Motricidade Humana:

[...] preza pela criatividade, pela expressão do movimento que conduz à compreensão e transformação da realidade, construção de posições críticas da cidadania, de relações éticas, da coletividade, da solidariedade e do respeito a si e aos outros. (SILVA, 2009, p. 94).

Dessa forma, a Motricidade Humana, tem o mesmo sentido que a moralidade. Afinal, é a partir do pensamento em comunidade, do respeito e do bem querer mútuo, que o ser humano agirá.

A autonomia e a construção de personalidade ética podem ser concebidas, já que podemos pensar em espaços, na aula de Educação Física, onde se priorize a contribuição do olhar e da criação singular do outro, da valorização da riqueza da diferença que outros seres humanos trazem para as relações (SILVA, 2009, p. 94).

Portanto, é aí que a autonomia moral pode ser formada, pois é desenvolvida a partir da auto-regulação, mas não excluindo a coletividade, o pensar no próximo e o colocar-se no lugar do outro. Dessa forma, “ela infere a capacidade de abstrair e refletir sobre diferentes possibilidades, antes de agir” (SILVA, 2009, p. 95).

2.1 – O JOGO

Conforme Sérgio (1991) expõe, uma das manifestações corporais que a Motricidade Humana engloba é o jogo, por ser um elemento integrante da cultura humana. Por se tratar do nosso objeto de estudo nesta pesquisa e para investigarmos a prática e a consciência das regras, o destacamos para compreendê-lo um pouco melhor.

Antes disso, é necessário, portanto, explicitarmos aqui os quatro níveis para prática das regras e os três níveis para a consciência da regra. Assim como Piaget investigou a prática de regras ao observar o comportamento das crianças enquanto jogavam, ou perguntando sobre as regras daquele jogo, e para avaliar a consciência que elas possuíam sobre estas regras, pediu que explicassem as razões de seus atos.

Sobre o processo de desenvolvimento da prática das regras, o primeiro estágio é “puramente motor e individual” (PIAGET, 1932, p. 33), ou seja, nesta fase a criança faz a “simples aplicação funcional dos esquemas de ação” (FERRAZ, 1997, p. 29).

O segundo estágio pode ser entendido como “egocêntrico” (PIAGET, 1932, p. 33). Neste momento, a criança recebe a regra do exterior e

acaba fazendo apenas uma “imitação superficial”, ou seja, não sente necessidade de cumprir com as regras. Nesta fase, mesmo as crianças juntas, cada uma joga por si mesma, sem se preocupar com parcerias.

Portanto, não se busca vencedor ou perdedor, busca-se somente conseguir realizar a atividade e ter satisfação.

O terceiro estágio pode ser chamado de “cooperação nascente” (PIAGET, 1932, p. 33), ou seja:

nesta etapa a regra normatiza realmente as ações entre os competidores e, ao prazer motor que se apresentava no nível anterior, acrescenta-se o gosto pela vitória sobre o oponente, respeitando-se rigorosamente as regras do jogo. Portanto, a criança passa a ser fiel às regras vigiando cuidadosamente seus oponentes sendo, neste caso, o não cumprimento das regras um delito grave. (FERRAZ, 1997, p. 29)

Mas ao mesmo tempo, durante a mesma partida, ainda prevalece uma variação considerável das regras gerais do jogo, pois quando o grupo é interrogado separadamente, dão informações diferentes e quase contraditórias das do companheiro.

O quarto estágio é o da “codificação das regras” (PIAGET, 1932, p. 33). Conforme Ferraz (1997, p. 29),

nesta última fase a criança demonstra grande interesse pela regra em si e por possíveis estratégias para tirar proveito e vencer dentro do cumprimento da própria regra. Não raro são as manifestações no sentido de elaborarem ou discutirem novas regras e estratégias de jogo.

Portanto, daí em diante, o grupo dará informações de concordância. Afinal, a regra é coletiva e precisa ser respeitada. Mas ao mesmo tempo, pode variar conforme o consentimento mútuo.

Sobre o desenvolvimento da consciência das regras, pode ser expresso em três estágios, sendo que o primeiro está totalmente veiculado ao primeiro estágio da prática das regras; o segundo se inicia durante a fase egocêntrica e termina próximo à metade do estágio da cooperação e o terceiro

abrange o final deste estágio de cooperação e o conjunto do estágio da codificação das regras.

O primeiro estágio pode ser definido como “não obrigatoriedade”. De acordo com Ferraz (1997, p. 29), “como o próprio nome define, neste primeiro nível a criança não dá qualquer valor à necessidade da regra”. Afinal, ainda não tem o desenvolvimento intelectual para isso. Sobre a origem das regras, é entendida como uma criação divina ou paterna.

O segundo estágio pode ser chamado de “obrigatoriedade sagrada”, onde “a regra é considerada como sagrada e intangível, de origem adulta e de essência eterna; toda modificação proposta é considerada pela criança como uma transgressão” Ferraz (1997, p. 29). Portanto, neste estágio não são admitidas variações de regras.

O terceiro estágio pode ser entendido como “obrigatoriedade devido ao consentimento mútuo”. (...) “enfim, a regra é considerada como uma lei imposta pelo consentimento mútuo, cujo respeito é obrigatório, se deseja ser leal, permitindo-se, todavia, transformá-la à vontade, desde que haja o consenso geral” Ferraz (1997, p. 29).

Pode-se perceber afinal, que a evolução da prática da regra não se dá somente no aumento de número de regras (quantitativo), mas essencialmente, uma mudança expressa pela consciência (qualitativa).

Percebe-se então, que os estágios da prática e da consciência das regras são interdependentes, ou seja, a criança depende da ação, para que possa refletir sobre esta e a seguir, elaborar sua próxima ação, melhorando-a. Isso quer dizer que, a criança leva para o plano do pensamento aquela atitude, e reelabora para uma próxima ação “melhorada”.

Neste sentido, utilizamos o jogo, por ser uma manifestação muito praticada pelas crianças e também, como um meio muito significativo para que ocorram trocas cognitivas entre elas e reflexões de um sujeito sobre a sua ação.

Mencionamos aqui, assim, o jogo como conteúdo nas aulas de Educação Física. Dessa maneira, ele é entendido como um saber construído histórica, cultural e socialmente, organizado de forma sistemática para ser ensinado por meio de um processo pedagógico.

Logo, o jogo como um dos grandes eixos das manifestações corporais visto como conteúdo desta disciplina, para ser estudado pode ser organizado em diversas categorias.

Neste trabalho, seguimos o raciocínio de Palma et al, 2008 ao destacarem que existe apenas os Jogos Populares, pois entendemos aqui que não existe jogo que não seja popular, ou seja, que não seja conhecido e jogado por uma parte majoritária da sociedade em diversos lugares e de diversas maneiras. (...) “uma parte expressiva da população tem conhecimento sobre determinado jogo, sendo esse conhecimento, na maioria das vezes, advindo do senso comum” (SANTOS, 2009, p. 7).

E neste sentido, o subdividimos em jogos de perseguição, jogos com corda e jogos de disputa. Ainda assim, contamos com os jogos como amarelinha, peteca, bets e bola queimada (que não se encaixam nas categorias subdivididas).

Compreendemos desse modo, que todo jogo popular como conteúdo da Educação Física possui origem e/ou histórico, nomenclatura, forma tradicional de jogar (regra básica), táticas e estratégias de jogo, variações (propostas pelo professor) e reelaborações (ação dos estudantes).

A bola queimada pode ter diferentes nomenclaturas, como por exemplo, “caçador, baleado, mata-mata” (SANTOS, 2009, p. 7), depende da região em que está sendo jogada. No tocante ao surgimento deste jogo, a versão mais aceita diz respeito ao:

treinamento do exército do rei Papius, que era preparado para lutar contra a invasão dos bárbaros na Papônia, que se localizava no norte da Europa Meridional. Uma das atividades desse treinamento era os arremessos de bolas de fogo. Seria esse reino o único que não foi tomado pelos bárbaros. A partir dessa conquista, iniciou-se uma comemoração anual, onde na programação acontecia um festival de queimada, onde os homens podiam lembrar seus feitos. (SANTOS, 2009, p. 8)

Tal manifestação foi modificando-se, tendo em vista os diferentes contextos em que a sociedade vive e viveu e, atualmente, o local para o jogo de bola queimada é um terreno de forma retangular, dividido ao meio e deve ter um espaço ao fundo com a denominação de “campo dos queimados”.

O número de jogadores varia conforme as convenções locais. São duas equipes, sendo que cada uma deve ocupar um lado do retângulo e um jogador de cada equipe fica na linha de fundo, como “reserva”, no lado oposto da sua equipe.

Para iniciar o jogo, os dois reservas tiram “pô”. Quem ganhar escolhe bola ou campo. Feito isso, os dois reservas voltam para a linha de fundo e aquele quem teve a posse da bola, com a mão, espera o apito do professor para iniciar a partida. O objetivo é queimar o máximo de adversários possível. Será vencedor, o grupo que queimar todos os integrantes da equipe adversária primeiro.

Ao ser dado o sinal de início, o jogador a quem coube a bola, tenta entregar a bola ao seu time que tem o objetivo de atirá-la ao campo contrário com o propósito de “queimar” algum adversário.

Se o conseguir sem que a bola seja agarrada antes de tocar o chão, pelo jogador tocado ou por algum companheiro do time dele, o jogador atingido é considerado queimado e deve sair do seu campo, colocando-se na linha de fundo, “campo dos queimados”.

Ao queimar o primeiro adversário, o reserva pode escolher entrar no seu campo para que tenha a oportunidade de jogar também nesta posição, a qualquer momento.

A bola que, depois de não haver tocado em nenhum jogador, rola ou salta pelo terreno, pode ser recolhida por qualquer jogador, para ser arremessada novamente contra o grupo adversário. A bola pode também, ser recolhida por um adversário “queimado”, a quem, neste caso, se permite apanhá-la e atirá-la a um companheiro seu ou queimar o adversário.

O jogador só é “queimado” se a bola bater nele e cair no chão, do contrário, se o jogador for atingido, a bola continuar no ar, e ele agarrar, não será “queimado”.

Neste jogo, como se vê, é de grande importância a cooperação entre os jogadores para que consigam realizar seu objetivo.

Por esse motivo, este jogo foi selecionado para que pudéssemos realizar nossa pesquisa, pois ao necessitar de cooperação, os jogadores precisam se relacionar bem com seus colegas, colocando-se no lugar deles. E na moralidade, como vimos, isso é fundamental. Ela só acontece, na medida em que existe cooperação, afinal, ela busca o bem comum.

No próximo capítulo, veremos os aspectos metodológicos desse trabalho, quais encaminhamentos terá esta pesquisa e como será feita a coleta de dados, para posteriormente ser analisada de acordo com a moralidade.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA

O objetivo deste estudo foi conhecer e analisar o respeito que as crianças têm ou não pelas regras do jogo de bola queimada. Preocupamo-nos então, em compreender a maneira como praticam e compreendem as regras no jogo de bola queimada. A pesquisa é de cunho qualitativo e se caracteriza como uma pesquisa de campo.

Sobre a pesquisa de campo Gil (1991, p. 53) escreve que:

Focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografia.

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede privada da cidade de Londrina, com alunos de 8 a 10 anos de idade do Ensino Fundamental que tenham aulas regulares de Educação Física e para a coleta de dados aplicamos uma entrevista semi-estruturada.

Em relação à entrevista, Richardson (1989, p. 161), considera que ela é:

Construída a partir de duas palavras, entre e vista. Vista refere-se ao ato de ver, ter preocupação de algo. Entre indica a relação de lugar ou estado no espaço que separa duas pessoas ou coisas. Portanto, o termo entrevista refere-se ao ato de perceber realizado entre duas pessoas.

Essa interação com as crianças foi organizada da seguinte forma:

- primeira: a pesquisadora sentou com os alunos na quadra e discutiram as regras do jogo de bola queimada, de acordo com o que sabiam;

- segunda: os alunos jogaram bola queimada e o jogo todo foi filmado.

- terceira: a entrevista propriamente dita foi realizada fora da sala de aula, na qual se chamou um estudante por vez para a efetivação da pesquisa.

Todas as três fases ocorreram no mesmo dia. Embora as crianças tenham aulas regulares de Educação Física, a entrevista foi realizada fora do horário de aula dessa disciplina e entrevistadas de forma individual, sem que uma tivesse contato com as respostas de outras.

As perguntas norteadoras componentes da entrevista foram organizadas tendo em vista os seguintes temas: 1) origem das regras; 2) regras e suas variações e 3) o jogo propriamente dito, a fim de fazer as crianças refletirem sobre suas ações durante o jogo. O roteiro dessas perguntas se encontra no apêndice deste trabalho.

A entrevista, por ser semi-estruturada nos permite a possibilidade de formulação de novas perguntas durante a entrevista se percebermos necessidade. Todas as entrevistas foram gravadas por áudio (gravador de voz).

Ao término deste momento, todas as entrevistas foram transcritas e analisadas, tendo em vista a necessidade da identificação dos diferentes estágios de consciência sobre as regras e a prática do jogo de bola queimada. Para que esta identificação ocorresse, as respostas dos estudantes foram organizadas em categorias.

Segundo GAMBOA (1996, p. 22), podemos entender categoria como:

[...] formas de pensamento que expressam termos mais gerais que permitem ao homem representar adequadamente a realidade, e como tais, são generalizações de fenômenos e processos que existem fora da nossa consciência, e produtos da ação cognitiva dos homens sobre o mundo exterior.

É importante dizer que existe uma dinâmica entre as categorias se tratando de uma estrutura não rígida. Neste sentido GAMBOA (1996, p. 22) defende a ideia da flexibilidade presente no processo de categorização dos dados encontrados, ao expressar que:

As categorias têm uma função metodológica importante no movimento que vai do conhecido ao desconhecido e vice-versa [...] são históricas, pois têm um processo de formação e de evolução. Cada categoria está ligada ao grau de desenvolvimento do conhecimento ao qual seu conteúdo está vinculado [...] e por isso não podem separar o homem do mundo, mas uni-lo com ele por serem objetivas e refletirem os processos da natureza e da sociedade tal como existem na realidade.

3.1 CATEGORIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Após a coleta de dados e as transcrições das entrevistas estarem feitas, conseguimos perceber certas similaridades e discordâncias na fala e atitude das crianças. Dessa forma, vê-se a necessidade da identificação dos diferentes estágios da consciência e da prática das regras, fornecidos pelas crianças durante o jogo de bola queimada e a entrevista. Estes estágios nos ajudam a perceber as semelhanças e diferenças que encontramos na fala e na atitude de duas ou mais crianças. Dessa forma, decidimos organizá-las tendo como referência os três estágios de consciência das regras apresentados por PIAGET (1994). Esses estágios estão apresentados abaixo.

Estágio um: pode ser definido como “não obrigatoriedade”, ou seja, a criança não percebe a importância das regras, portanto não as cumpre. Afinal, não tem desenvolvimento intelectual para isso. Assim, por se tratarem (na pesquisa) de crianças entre 8 e 10 anos de idade, não foram caracterizadas nenhuma neste estágio.

Estágio dois: pode ser chamado de “obrigatoriedade sagrada”, ou seja, a regra deve ser seguida e nunca poderá ser modificada. O que esteve mais presente nas entrevistas com as crianças classificadas neste estágio, foram respostas diferentes, ou mesmo discordantes das dos demais colegas, e ao mesmo tempo, em sua maioria, foram negativas com relação à mudança de regras durante o jogo. Por mais que as regras tenham sido conversadas e discutidas antes do jogo, com todos e todos terem jogado ao mesmo tempo, apresentaram respostas diferentes referentes às regras. E ao mesmo tempo, não respeitaram algumas regras durante o jogo.

Estágio três: pode ser entendido como “obrigatoriedade devido ao consentimento mútuo”, ou seja, as regras são decididas em conjunto, deverão ser seguidas e poderão sofrer alterações, se houver consenso geral. As crianças classificadas neste estágio apresentaram respostas pensadas no bem geral, portanto, para elas, as regras devem ser seguidas, mas podem ser modificadas, desde que seja feita em conjunto.

Contudo, para compreendermos melhor os apontamos feitos anteriormente, analisaremos os dados para conhecermos os diferentes estágios da consciência, que nos remetem diretamente a moral implícita em cada criança.

3.2 ANÁLISE DOS DADOS

Assim, como vimos anteriormente, foi necessário entrevistar crianças de três idades diferentes, 8, 9 e 10 anos. Dessa maneira, analisamos os diferentes níveis de compreensão das regras que encerram em si um determinado nível de tomada de consciência.

Ao analisar o estudo da fundamentação teórica, identificamos que o desenvolvimento da prática do sujeito organiza-se em quatro estágios: o primeiro caracteriza-se por ser “puramente motor e individual” (PIAGET, 1932, p. 33); o segundo considera o egocentrismo e as crianças não sentem a obrigação de se cumprir com as regras; o terceiro caracteriza-se por a criança seguir rigorosamente a regra, porém cada uma pode entender diferente a regra; no quarto estágio as crianças seguem as regras e montam estratégias para vencer o jogo e entendem que a regra pode ser mudada com o consentimento mútuo. E no que diz respeito ao desenvolvimento da consciência das regras, investigamos que este, se organiza em três estágios: o primeiro se define pela não obrigatoriedade das regras; o segundo considera que a regra é sagrada e não pode ser mudada e no terceiro estágio, a regra é elaborada por todos e pode ser modificada se todos concordarem.

Podemos assim dizer, que este processo dos estágios em que a criança passa, não obrigatoriamente, garante a passagem de um conhecimento mais elementar para um saber mais elaborado.

Primeiro estágio: De um total de vinte, não encontramos caracterizadas neste estágio nenhuma criança, por se tratar de uma faixa etária maior.

Segundo estágio: De um total de vinte, encontramos caracterizadas neste nível dezessete crianças, as quais apresentam falas como estas:

(...) Quando o reserva pode entrar no campo pra jogar? *Quando alguém foi queimado.* Do time dele ou do outro time? *Time dele.* (...) Durante o jogo a gente pode mudar as regras? *Não, tem que ser as mesmas.* Do início até o final do jogo? *Sim!* E o que acontece com a pessoa que desobedece alguma regra? *...daí volta. Daí a bola volta pro time que era daí essa pessoa já fica sabendo.* Reb. (8 anos)

(...) Quando o reserva pode entrar no campo pra jogar? *Quando ele é queimado e daí ele vai lá.* (...) Durante o jogo a gente pode mudar as regras? *Não, não. Nunca? Não.* E o que acontece com a pessoa que desobedece alguma regra? *Também não faço ideia, tem tantas coisas. Deu branco.* Ama. (8 anos)

(...) Quando o reserva pode entrar no campo pra jogar? *Quando tiver bastante gente na reserva com ele.* (...) Durante o jogo a gente pode mudar as regras? *Não.* E o que acontece com a pessoa que desobedece alguma regra? *Pode ser retirado do jogo ou pode continuar.* Ste. (8 anos)

(...) Como a gente começa o jogo? *Separa o time, a professora escolhe quem começa e...é...aí ela dá a bola pro reserva aí começa o jogo.* (...) Durante o jogo a gente pode mudar as regras? *Não. Nunca? Nunca.* E o que acontece com a pessoa que desobedece alguma regra? *Ela sai do jogo. E quem tira ela? O professor ou a pessoa que está comandando.* And. (10 anos)

(...) Quando o reserva pode entrar no campo pra jogar? *Quando tem pouca pessoa no time ou ele dá vida.* (...) Durante o jogo a gente pode mudar as regras? *Não.* E o que acontece com a pessoa que desobedece alguma regra? *Hum... ele sai do jogo.* Iná. (9 anos)

Notamos nas respostas das crianças deste grupo, que mesmo as perguntas sendo iguais, obtivemos algumas respostas diferentes e também contraditórias sobre as regras. Principalmente, verificamos que todas, foram firmes negativamente, na resposta quanto a pergunta de modificação das regras durante o jogo, o que nos facilitou classificá-las. Muito do que falaram na entrevista se contradisseram também, no momento do jogo, e isso foi possível observar no vídeo.

Terceiro estágio: De um total de vinte, encontramos caracterizadas neste estágio apenas três crianças, as quais apresentaram falas como estas:

(...) Durante o jogo a gente pode mudar as regras? *Pode, não, pode! Pode? (balança a cabeça fazendo sinal de sim).* E como isso acontece? *Você que*

decide? *Pode ser a gente ou pode ser o professor.* E o que acontece com a pessoa que desobedece alguma regra? *O professor pode dar uma bronca e ela sair do jogo.* Mir. (8 anos)

(...) Durante o jogo a gente pode mudar as regras? *Pode.* Pode? E como acontece isso? *Se a gente quiser colocar alguma regra, a gente para o jogo e fala.* E o que acontece com a pessoa que desobedece alguma regra? *Ela é expulsa do jogo.* Por quem? *Se todo mundo decidir que ela vai ser expulsa...* Ped. B. (8 anos)

(...) Durante o jogo a gente pode mudar as regras? *Não.* Nunca isso acontece? *Acontece algumas vezes.* Quando isso acontece? *Às vezes quando a gente tá brincando e a gente quer que mude as regras.* Quem decide mudar? *Ah, eu não sei.* E o que acontece com a pessoa que desobedece alguma regra? *Pode ser queimado, mas às vezes não é.* Let. (9 anos)

Percebemos que as crianças categorizadas neste estágio, não só acreditam que pode haver mudança das regras durante o jogo, como também, em algum momento citam que as regras podem ou devem ser discutidas em comum, ou que uma decisão importante do jogo, deve ser tomada em conjunto.

Mesmo tendo separado as crianças nesses três estágios, notamos que dentro de um mesmo estágio a criança apresenta alguns subníveis de consciência diferentes, de acordo com suas respostas, ou seja, apresenta certa confusão de ideias. Podemos exemplificar este subnível, com a fala destas duas crianças que se encontram no nível dois:

(...) Quando termina o jogo? *Quando todos os participantes do outro time perder, acabar todos.* Como eles acabam? *Quando vão pra reserva.* E quando eles vão para a reserva? *Sendo queimados.* Qual o objetivo desse jogo? *Queimar as pessoas pra você ganhar o jogo.* Com quem você aprendeu a jogar bola queimada? (...) Durante o jogo a gente pode mudar as regras? *Não.* Nunca? *Pode assim, colocar mais bola, com reserva ou sem reserva.* E quem decide? *O professor.* Sempre o professor? *Uhum.* Você não? *Hum...não sei.* E o que acontece com a pessoa que desobedece alguma regra? *Para de jogar, sai do jogo.* E quem tira ele do jogo? *O juiz.* Gus. Z. (10 anos)

(...) Quando o reserva pode entrar no campo pra jogar? *Quando um vai queimado.* Da equipe dele ou da outra equipe? *Da outra.* Da outra equipe? *Não, é da equipe dele.* Ant. (8 anos)

Podemos perceber que há uma contradição grande nas respostas que elas oferecem, comparando com as respostas das outras crianças do mesmo nível. Dessa forma, conseguimos identificar que estas, estão um pouco mais

confusas não só em seu entendimento sobre as regras, mas também durante a prática das regras do jogo de bola queimada que as demais crianças. Durante todo o jogo, esses dois sujeitos descumpriram regras do jogo, já pré-estabelecidas por eles e pelo grupo.

Abaixo se encontra uma tabela com as divisões da quantidade de crianças em cada categoria, em um total de vinte entrevistadas.

Tabela 1 – Crianças entrevistadas

| CRIANÇAS | ESTÁGIO 1 | ESTÁGIO 2 | ESTÁGIO 3 |
|-------------------|------------------|------------------|------------------|
| Mir. (8 anos) | | | X |
| Ant. (8 anos) | | X | |
| Gab. (8 anos) | | X | |
| Reb. (8 anos) | | X | |
| Ama. (8 anos) | | X | |
| Kai. (8 anos) | | X | |
| Car. (8 anos) | | X | |
| Ste. (8 anos) | | X | |
| Níc. (8 anos) | | X | |
| Ped. B. (8 anos) | | | X |
| Ped. C. (9 anos) | | X | |
| Gus. Z. (10 anos) | | X | |
| And. (10 anos) | | X | |
| Iná. (9 anos) | | X | |
| Gui. (9 anos) | | X | |
| Joa. (9 anos) | | X | |
| Luc. S. (9 anos) | | X | |
| Luc. G. (9 anos) | | X | |
| Eme. (9 anos) | | X | |
| Let. (9 anos) | | | X |
| TOTAL | 0% | 85% | 15% |

Ao analisar a tabela, notamos que o maior número de crianças encontra-se no estágio 2, que no estágio 3, encontram-se apenas três crianças com o nível de consciência sobre as regras mais elaborado e por conta da idade das crianças entrevistadas, nenhuma se encontra no estágio 1. Portanto, do total de 100% das crianças entrevistadas, 85% se encontram no estágio 2 e 15% se encontram no estágio 3. Dessa maneira, entendemos que a maioria ainda não consegue entender a importância da discussão em grupo, do consentimento mútuo e da decisão em conjunto.

CONCLUSÃO

Ao iniciarmos este estudo, nos propusemos a responder a pergunta: “Qual a consciência e a prática das crianças sobre as regras do jogo de bola queimada?” por meio do objetivo de conhecer e analisar o respeito que as crianças têm ou não pelas regras do jogo de bola queimada. Esse tema surgiu, depois que paramos para analisar a sociedade na qual estamos vivendo, pois é sabido que muitas pessoas, nos dias de hoje, acreditam que a moral passou a não mais existir, pois os pais têm cada vez menos transmitido esses valores aos seus filhos e este pode ser um desencadeador dos conflitos nas escolas, nas ruas, enfim, na sociedade em geral.

Dessa forma, pensamos ser o mais adequado pesquisarmos diretamente a consciência das regras, já que sabemos que a essência da moral é constituída por um conjunto de regras e pelo respeito que adquirimos por ela. E para iniciarmos, foi necessário fazer um estudo bibliográfico sobre a moral, a tomada de consciência, a Educação Física e o jogo.

Sendo assim, notamos que só poderemos viver bem em sociedade se conseguirmos respeitar as regras e normas vigentes nela e se compreendermos seu real significado. Afinal, a moral é muito mais ampla do que somente respeitar as regras.

É necessário que busquemos compreender o porquê de sua existência e se realmente é para o bem coletivo. Só que esta noção não é dada e nem transmitida, é construída à medida que o sujeito se sente parte integrante no processo de construção dessas regras. E para que a pessoa consiga tomar estas atitudes morais, é necessário que ela esteja no plano do pensamento mais elaborado, ou seja, tomar consciência de suas ações. Para isso, investigamos como ocorre este processo da tomada de consciência.

À medida que construímos este trabalho, pudemos perceber que a tomada de consciência parte de um nível mais primitivo até um mais elaborado, complexo. Conseguimos perceber isto principalmente nas transcrições e análise das entrevistas, nas quais foi possível verificar nitidamente os estágios de consciência das regras em que se encontravam as crianças.

Afinal, não conseguimos identificar realmente, o estágio que a criança estava por meio de apenas uma pergunta, para termos certeza foi preciso fazer diversas perguntas e vê-las jogando. Durante o jogo pareciam ter compreendido a maioria das regras, mas na hora de falar sobre, tiveram muita dificuldade.

Contudo, ao final da análise das entrevistas, percebemos que o maior número das crianças (dezessete de um total de vinte) se encontra no segundo estágio de consciência das regras, ou seja, ainda elementar. Ao acreditarmos que é a partir da consciência das regras que tais crianças possuem e conhecendo-a, que o professor conseguirá oferecer um ambiente sócio-moral cooperativo em suas aulas, para que cada vez mais, estes estudantes, possam evoluir no sentido de consciência e melhor agir perante ao outro e ao meio em que vive, para assim, conseguir viver em uma sociedade melhor.

E isso poderá ser possível, também, quando os professores promoverem aos alunos o conflito cognitivo, afinal o que traz a ação externa para o mundo interior do sujeito, são as perguntas que ele faz para si mesmo. Desse modo, o processo de tomada de consciência será desencadeado.

Verificamos assim, que não há uma moralidade para cada situação, portanto, dentro de uma escola, não há uma moral para cada disciplina. Neste sentido, dizemos que a moralidade é um conteúdo transversal a todas as disciplinas e à escola de uma forma geral, já que a escola prepara os estudantes para a realidade da sociedade e conseqüentemente, o viver bem em comunidade.

Especificamente, neste trabalho, trouxemos esta discussão para a disciplina de Educação Física, já que a Motricidade Humana, em uma de suas vertentes, busca a compreensão e transformação da sociedade, por meio de construções coletivas, éticas e respeito a si e ao próximo, assim como a moralidade.

A forma que encontramos de investigar especificamente a moral das crianças nas escolas, foi por meio da consciência das regras que elas apresentam. Na disciplina da Educação Física, portanto, utilizamos o conteúdo jogo de bola queimada, pois ele é uma manifestação cultural e muito praticado pelas crianças.

Contudo, desejamos que este trabalho abra caminhos para diversos outros, a fim de continuar a investigar o processo de tomada de consciência e a moralidade humana para contribuir de maneira mais significativa, não só no ensino desta disciplina, como para uma melhor compreensão e viver em sociedade.

REFERÊNCIAS

- BECKER, F. **Da ação à operação: o caminho da aprendizagem em Jean Piaget e Paulo Freire.** Porto Alegre: Palmarinca, 1993.
- BRINGUIER, J. C. **Conversando com Jean Piaget.** Rio de Janeiro: Difel, 1978.
- FERRAZ, O. L. **O desenvolvimento da noção de regras do jogo de futebol.** Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. 1997.
- FREIRE, J. B. Pedagogia do Esporte. In: CONGRESSO LATINO AMERICANO: ESPORTE, EDUCAÇÃO E SAÚDE NO MOVIMENTO HUMANO, 3., 1996, Foz do Iguaçu. **Anais...** Cascavel: Gráfica Universitária, 1996. p. 38 – 49.
- GALLARDO, J. S. P; OLIVEIRA, A. A. B; ARAVENA, C. J. O. **Didática da Educação Física: a criança em movimento: jogo, prazer e transformação.** São Paulo: FTD, 1998. (Conteúdo e Metodologia).
- GHIRALDELLI JUNIOR, P. **Educação Física Progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física Brasileira.** São Paulo: Loyola, 1991.
- GAMBOA, S. S. **Epistemologia da pesquisa em educação.** Campinas: Práxis, 1996. (Tese de doutorado).
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1991. Cap. 4.
- LA TAILLE, Y. de. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão / Yves de La Taille, Marta Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas.** São Paulo: Summus, 1992. 5ª ed.
- LA TAILLE, Y. de. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=54iLobwwiSE&feature=relmfu>. Acessado em 23/09/2011.
- MORIN, E. **La Tête bien faite, Le Seuil.** 1999. Em português: **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- PALMA, A. P. T. V. et al. (Coord.). **Educação Física e a organização curricular: educação infantil e ensino fundamental.** Londrina: EDUEL, 2008.
- PEREIRA, A. M. **Motricidade humana: a complexidade e a práxis educativa,** 2006. Tese (Doutorado em Ciência da Motricidade Humana) – Universidade da Beira Interior. Covilha, Portugal.
- PIAGET, J. **O Julgamento Moral na Criança.** São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- PIAGET, J. **A tomada de consciência.** São Paulo: Melhoramentos, 1978.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994.

RICHARDSON, R. J. et al. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SALADINI, A. C. **A Educação Física e a tomada de consciência da ação motora da criança**, 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista. Marília.

SANTOS, G. F. L. **Origem dos jogos populares: em busca do “elo perdido”**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009.

SÉRGIO, M. **Educação Física ou Motricidade humana?** 2ª ed. Campinas: Papirus, 1991. (Coleção Corpo e Motricidade).

SÉRGIO, M. **Alguns olhares sobre o corpo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003. (Coleção Epistemologia e Sociedade)

SILVA, E. V. M. e; VENÂNCIO, L. **Aspectos legais da educação física e integração à proposta pedagógica da escola**. IN: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (coord). Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. (Coleção Educação Física no Ensino Superior).

SILVA, L. C. F. da. **Intervenções em situações de conflitos interpessoais nas aulas de Educação Física**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina; Londrina, 2009.

TOJAL, J. **Da educação física à Motricidade humana: a preparação do profissional**. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

VINHA, T. P. **O educador e a moralidade infantil: uma visão construtivista/** Telma Pileggi Vinha. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 2000.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Roteiro de perguntas para entrevista

1. Você sabe quem inventou o jogo de bola queimada? E como foi inventado?
2. Como começa o jogo?
3. Quantas pessoas podem ter em cada equipe?
4. Quando o reserva pode entrar no campo para jogar?
5. Quando uma pessoa é considerada queimada?
6. Quando uma pessoa pode pegar a bola para jogar?
7. Quando termina o jogo?
8. Qual é o objetivo do jogo?
9. O que é preciso fazer para queimar seu adversário?
10. Com quem você aprendeu a jogar bola queimada?
11. Durante o jogo pode-se mudar as regras?
12. O que acontece com a pessoa que desobedece alguma regra durante o jogo?

APÊNDICE B

Mir. (8 anos)

Você sabe quem inventou o jogo de bola queimada? *Não*. E como foi inventado? *Não*. Como a gente começa o jogo? *Primeiro forma as duas equipes e tem que esperar o professor apitar pra começar o jogo*. Quantas pessoas podem ter em cada equipe? *O tanto que quiser. Qualquer uma*. Quando o reserva pode entrar no campo pra jogar? *Quando ele for queimado*. O reserva queimado? *Humm...quando a bola for no campo do reserva, pro reserva jogar*. Quando uma pessoa é considerada queimada? *Quando o reserva bate na pessoa e ela pode ser queimada*. O reserva ou a bola? *A bola*. Quando uma pessoa pode pegar a bola pra jogar? *Quando uma pessoa..tipo assim...eu to no meu time, aí a outra pessoa ta no time dela, aí ela pode jogar no meu time e eu pegar a bola e jogar*. Eu posso pegar a bola no outro campo? *Não*. E fora do campo? *Pode*. Pode pegar a bola? *Não*. Quando termina o jogo? *Quando uma equipe for tudo na reserva*. Quando for toda queimada? *É*. Qual é o objetivo do jogo? *Queimar*. O que eu preciso fazer para queimar meu adversário? *Joga a bola*. Com quem você aprendeu a jogar bola queimada? *Com o professor de Educação Física*. Durante o jogo a gente pode mudar as regras? *Pode, não, pode! Pode?* (*balança a cabeça fazendo sinal de sim*). E como isso acontece? Você que decide? *Pode ser a gente ou pode ser o professor*. E o que acontece com a pessoa que desobedece alguma regra? *O professor pode dar uma bronca e ela sair do jogo*.

APÊNDICE C

Ant. (8 anos)

Você sabe quem inventou o jogo de bola queimada? *Não. E como foi inventado? Não. Como a gente começa o jogo? Escolhe um....é...começa com a...você tem que escolhê...um reserva daí você, daí o reserva começa com a bola, daí você tem que tentar queimar os outros pra ir na outra reserva. Quantas pessoas podem ter em cada equipe? Par. Sempre número par? (faz que sim com a cabeça). Não pode ser ímpar? Não. Quando o reserva pode entrar no campo pra jogar? Quando um vai queimado. Da equipe dele ou da outra equipe? Da outra. Da outra equipe? Não, é da equipe dele. E quando você pode pegar a bola pra jogar? Quando ele joga a bola pro nosso campo. Ah, então você pode pegar a bola que sai pela lateral do campo? Não. E lá no reserva? Sim. Mas você não está no reserva, está dentro do campo. Você pode pegar a bola que está lá? Não. Quando termina o jogo? Quando todo mundo ta queimado ou quando o tempo acaba. Quando o tempo acaba? Ou quando todo mundo foi queimado. Todo mundo dos dois times? É...não. Só de um. Só de um? (Faz que sim com a cabeça). Qual é o objetivo do jogo? É queimar o máximo de pessoas. Quem ganha o jogo? Quem conseguir queimar mais pessoas e acabar com as pessoas do outro time. O que você precisa fazer para conseguir queimar um adversário? Você tem que jogar a bola pra acertar nele e se pular no pé não queima. Com quem você aprendeu a jogar bola queimada? Como professor de Educação Física. Durante o jogo a gente pode mudar as regras? Não. Não pode? Não. E o que acontece com a pessoa que desobedece alguma regra? Perde...Perde o que? Perde ponto.*

APÊNDICE D
Gab. (8 anos)

Você sabe quem inventou o jogo de bola queimada? *Não. E como foi inventado? Não. Quantas pessoas podem ter em cada equipe?... acho que é mais de cinco. Mais de cinco? (faz que sim com a cabeça). Mas precisa ser o número igual das duas equipes? Sim. Como a gente começa o jogo? Decide qual equipe que vai...que vai...é....começar com a bola. Quando o reserva pode entrar no campo pra jogar? Humm...não lembro. Não? (faz que não com a cabeça). Quando uma pessoa é queimada? Quando alguém joga a bola nela, acerta a bola nela e a bola cai no chão. Quando você pode pegar a bola pra jogar? Quando a bola for na sua direção ou se a bola cair no chão. Quando termina o jogo? Quando todos os jogadores de um time tiverem queimados. Qual o objetivo desse jogo? Queimar todos os jogadores. Do outro time ou do seu time? Do outro time. Quem ganha o jogo? O time que queimou todos os jogadores. Do outro time? Ahã. O que eu preciso fazer para queimar o adversário? Precisa jogar a bola nele. Aí a bola não pode bater no chão e relar nele, tem que relar nele direto. Com quem você aprendeu a jogar bola queimada? Como professor de Educação Física. Durante o jogo a gente pode mudar as regras? Acho que não. Não? (faz que não com a cabeça). E o que acontece com a pessoa que desobedece alguma regra? Aí essa pessoa pode sair do jogo.*

APÊNDICE E
Reb. (8 anos)

Como a gente começa o jogo? ...quando alguém começa com a bola e atira pra queimar. Quantas pessoas podem ter em cada equipe? ...10? Dez? (faz que sim com a cabeça). Você tem certeza ou você acha? ...acho. Quando o reserva pode entrar no campo pra jogar? Quando alguém foi queimado. Do time dele ou do outro time? Time dele. Quando uma pessoa é queimada? Quando é queimada? É. Quando a pessoa do outro time ta com a bola e bate na outra pessoa e cai no chão aí é queimo. A pessoa que bate nela? Não. Pega a bola e atira a bola, a bola bate nela, cai, aí queima. Quando você pode pegar a bola pra jogar? Quando a bola passar pro nosso campo. Você pode pegar a bola fora do seu campo? Não. Quando termina o jogo? Quando você já queimou todas as pessoas. Do seu time ou do outro? Quando um time queima todas as pessoas do outro time. O time que queimou ganha. Qual o objetivo desse jogo? Queimar as pessoas. Do seu time ou do outro? De qualquer um. Você sabe quem inventou o jogo de bola queimada? Não. E como foi inventado? Hum... O que você acha? Como foi inventado? É? Hum...pensando ué! Com quem você aprendeu a jogar bola queimada? Não lembro...acho que quando eu tinha três aninhos eu acho. Durante o jogo a gente pode mudar as regras? Não, tem que ser as mesmas. Do início até o final do jogo? Sim! E o que acontece com a pessoa que desobedece alguma regra? ...daí volta. Daí a bola volta pro time que era daí essa pessoa já fica sabendo.

APÊNDICE F
Ama. (8 anos)

Você sabe quem inventou o jogo de bola queimada? *Não faço ideia.* E como foi inventado? *Também não faço ideia.* Como a gente começa o jogo? *A gente pega uma bola e começa a queimar.* Quantas pessoas podem ter em cada equipe? *...eu acho que cada equipe um número igual.* Tem que ser sempre um número igual? *Ahã.* Não tem um número certo? *Não.* Quando o reserva pode entrar no campo pra jogar? *Quando ele é queimado e daí ele vai lá.* Quando uma pessoa é queimada? *Quando jogam a bola nele.* E? *...só de jogar a bola queimou? É.* Quando você pode pegar a bola pra jogar? *Quando a bola entra pro nosso campo.* Fora do nosso campo pode pegar a bola? *Não.* Quando termina o jogo? *Quando uma equipe consegue queimar todos, da outra equipe.* Qual o objetivo desse jogo? *Queimar todos da outra equipe.* O que você precisa fazer para queimar o adversário? *Tacar a bola.* E mais alguma coisa? *Acertar a pessoa.* Com quem você aprendeu a jogar bola queimada? *Aqui na escola.* Durante o jogo a gente pode mudar as regras? *Não, não.* Nunca? *Não.* E o que acontece com a pessoa que desobedece alguma regra? *Também não faço ideia, tem tantas coisas. Deu branco.*

APÊNDICE G

Kai. (8 anos)

Você sabe quem inventou o jogo de bola queimada? *Não. E como foi inventado? Não. Como a gente começa o jogo? Decide o time daí escolhe o time que vai jogar. Quantas pessoas podem ter em cada equipe? Humm...o mesmo tanto. Tem que ser igual. Quando o reserva pode entrar no campo pra jogar? I, não lembro. Não? (faz que não com a cabeça). Quando uma pessoa é queimada? A bola rela na gente. Quando você pode pegar a bola pra jogar? Ah, depende, vai um de cada vez do seu time jogar. Mas essa bola tem estar no seu campo, você pode pegar fora, como é que é? Tem que ta no meu campo. Quando termina o jogo? Quando um time queima todas as pessoas do outro time. Qual o objetivo desse jogo? Queimar. Com quem você aprender a jogar bola queimada? Aprendi sozinho. Durante o jogo a gente pode mudar as regras? ...acho que não, daí são sempre as mesmas. E o que acontece com a pessoa que desobedece alguma regra? Não brinca. Fica de fora? É.*

APÊNDICE H

Car. (8 anos)

Você sabe quem inventou o jogo de bola queimada? *Não*. E como foi inventado? *Não*. Como a gente começa o jogo? *Tem que tirar par ou ímpar pra ver quem pega a bola*. E depois disso? *Depois disso, quem ganhou pega a bola e começa a jogar*. Quantas pessoas podem ter em cada equipe? *Não sei*. Pode ter número diferente nas equipes? *Pode*. Quando o reserva pode entrar no campo pra jogar? *Quando uma pessoa entra aí ele vai*. E quando que essa pessoa vai para a reserva? *Quando ela é queimada*. Quando uma pessoa é queimada? *Quando a bola bate nela e não no chão antes*. Quando você pode pegar a bola pra jogar? *Quando...uma pessoa taca aí eu pego a bola*. Você pode pegar a bola fora do seu campo? *Não*. Quando termina o jogo? *Quando todas as pessoas de um time são queimadas*. Qual o objetivo desse jogo? *Queimar todas as pessoas....do outro time*. Com quem você aprendeu a jogar bola queimada? *Não sei, não lembro*. Durante o jogo a gente pode mudar as regras? *Não*. Nunca? *(faz que não com a cabeça)*. E o que acontece com a pessoa que desobedece alguma regra? *Não sei*.

APÊNDICE I

Ste. (8 anos)

Você sabe quem inventou o jogo de bola queimada? *Não. E como foi inventado? Não. Como a gente começa o jogo? Com um reserva em cada time e tem que ter mais ou menos a mesma quantidade de pessoa em cada time. Quantas pessoas podem ter em cada equipe? ...umas vinte, dez pessoas. Tem número certo? Não. Mas tem que ser o número igual das duas? Pode ser de números diferentes, mas é melhor ser a mesma quantidade. Quando uma pessoa é queimada? A bola bateu nela e depois caiu no chão. Quando o reserva pode entrar no campo pra jogar? Quando tiver bastante gente na reserva com ele. Quando você pode pegar a bola pra jogar? Quando a bola bateu no chão e você agarrar. Mas tem que estar dentro ou fora do seu campo? Tem que ta dentro do meu campo. Quando termina o jogo? Quando todo mundo ta queimado de um dos campos. Qual o objetivo desse jogo? Queimar todas as pessoas do outro time. Com quem você aprendeu a jogar bola queimada? Eu acho que foi com o professor de Educação Física. Durante o jogo a gente pode mudar as regras? Não. E o que acontece com a pessoa que desobedece alguma regra? Pode ser retirado do jogo ou pode continuar.*

APÊNDICE J
Níc. (8 anos)

Você sabe quem inventou o jogo de bola queimada? *Não. E como foi inventado? Não. Como a gente começa o jogo? Tentando queimar alguém. Quando o reserva pode entrar no campo pra jogar? Quando queima alguém. Do time dele ou do outro time? Do outro time. Quando uma pessoa é queimada? Quando ela sai com a bola e vai pra reserva. Quando você pode pegar a bola pra jogar? Quando a bola ta no seu campo. Quando termina o jogo? Quem zerar as pessoas do outro time vence. Zerar é queimar? É. Qual o objetivo desse jogo? Queimar todas pessoas. Do seu time ou do outro time? Do outro time. Com quem você aprendeu a jogar bola queimada? Hum... com o professor de Educação Física. Durante o jogo a gente pode mudar as regras? Hum...pode. Pode? (faz que sim com a cabeça). E como que acontece isso? Você que decide ou o professor? Hum...o professor? E o que acontece com a pessoa que desobedece alguma regra? Hum... sai? Sai do jogo? É....ah! Se não quiser jogar sai.*

APÊNDICE K
Ped. B. (8 anos)

Você sabe quem inventou o jogo de bola queimada? *Não. E como foi inventado? Não. Como a gente começa o jogo? ...não sei. Humm...primeiro a gente pega a bola, depois a gente decide as regras do jogo. Quantas pessoas podem ter em cada equipe? Qualquer uma, desde que seja igual dos dois lados. Quando uma pessoa é queimada? Quando uma pessoa joga a bola e a bola rela na pessoa. O que a gente precisa fazer para conseguir queimar a pessoa? Queimar ela com a bola. Como? Jogar nela. Quando você pode pegar a bola pra jogar? Quando ela bate no chão, ou quando alguém jogar em você e você segurar. E essa bola tem que estar no seu campo ou pode estar fora? Tem que ta no meu campo. Quando termina o jogo? Quando...no...quando acaba todas as pessoas de um campo. E como acabam essas pessoas? Elas vão sendo queimadas. Qual o objetivo desse jogo? Elas serem queimadas. Do seu time ou do outro time? Do outro time. Com quem você aprendeu a jogar bola queimada? Com o professor de Educação Física. Durante o jogo a gente pode mudar as regras? Pode. Pode? E como acontece isso? Se a gente quiser colocar alguma regra, a gente para o jogo e fala. E o que acontece com a pessoa que desobedece alguma regra? Ela é expulsa do jogo. Por quem? Se todo mundo decidir que ela vai ser expulsa...*

APÊNDICE L
Ped. C. (9 anos)

Você sabe quem inventou o jogo de bola queimada? *Provavelmente foram os homens da caverna. Porque você acha que foram eles? Por que assim, eles queriam brincar de alguma coisa, não sabia do que brincar aí inventaram a bola queimada.* Como a gente começa o jogo? *Uma equipe escolhe a bola ou....o reserva pega a bola, ou tira dois ou um pra ver quem fica com a bola ou com o campo.* Quantas pessoas podem ter em cada equipe? *Ah...uns 5, 10, o tanto que conseguir né...mais tem que ser igual o tanto.* Igual dos dois lados? *Ahã.* Sempre? *Sempre.* Quando o reserva pode entrar no campo pra jogar? *Quando um é queimado, quando uma pessoa é queimada.* Do time dele ou do outro time? *Do time dele.* Quando você pode pegar a bola pra jogar? *Quando a bola vai no chão, ou você pega sem deixar cair no chão.* Você pode pegar ela fora do seu campo? *Não.* Quando uma pessoa é queimada? *Quando a bola bate nela e cai no chão, mas sem ser da reserva que taca pra ela.* Ah...tem que ser as pessoas do campo? *É, do campo.* Quando termina o jogo? *A gente cumprimenta, vê os pontos e a equipe melhor vence.* Mas melhor como? Como eu sei a que foi melhor? *Qual foi a que teve melhor estratégia pra conseguir mais pontos.* E como a gente consegue pontos? *Queimando.* Então pra terminar o jogo tem que ser em que momento? *Pode ser no momento...assim...como posso dizer...pode ser decidido o horário de começar e terminar ou quando queimar todas as pessoas do outro time.* Qual o objetivo desse jogo? *Queimar as pessoas do outro time.* Com quem você aprendeu a jogar bola queimada? *Com meu pai.* Durante o jogo a gente pode mudar as regras? *Não.* Não? Nunca? *Não.* E o que acontece com a pessoa que desobedece alguma regra? *Pode ser ou expulso, ou se as pessoas aceitarem ele pode ser desclassificado.* O que a gente precisa fazer para conseguir queimar o adversário? *Taca a bola nele e ele tem que deixar cair.*

APÊNDICE M
Gus. Z. (10 anos)

Você sabe quem inventou o jogo de bola queimada? *Não*. E como foi inventado? *Não*. Como a gente começa o jogo? *Com uma bola e decide quem começa com o campo e quem começa com a bola*. Quantas pessoas podem ter em cada equipe? *Não sei..* Pode ser número diferente de uma equipe pra outra ou tem que ser igual? *Tem que ser igual!* Sempre igual? *Uhum*. Quando uma pessoa é queimada? *Quando joga a bola, bate nela e a bola cai no chão*. Quando você pode pegar a bola pra jogar? *Quando ela tá no meu campo*. Só no seu campo? *Uhum*. Quando termina o jogo? *Quando todos os participantes do outro time perder, acabar todos*. Como eles acabam? *Quando vão pra reserva*. E quando eles vão para a reserva? *Sendo queimados*. Qual o objetivo desse jogo? *Queimar as pessoas pra você ganhar o jogo*. Com quem você aprendeu a jogar bola queimada? *Com o professor de Educação Física*. Durante o jogo a gente pode mudar as regras? *Não*. Nunca? *Pode assim, colocar mais bola, com reserva ou sem reserva*. E quem decide? *O professor*. Sempre o professor? *Uhum*. Você não? *Hum...não sei*. E o que acontece com a pessoa que desobedece alguma regra? *Para de jogar, sai do jogo*. E quem tira ele do jogo? *O juiz*.

APÊNDICE N
And. (10 anos)

Você sabe quem inventou o jogo de bola queimada? *Não. E como foi inventado? Não. Como a gente começa o jogo? Separa o time, a professora escolhe quem começa e...é...aí ela dá a bola pro reserva aí começa o jogo.* Quantas pessoas podem ter em cada equipe? *Não sei. Mas tem que ser um número certo ou quantas pessoas tiver? Ah...quantas pessoas tiver, aí o professor decide.* Não importa se é número par ou ímpar? *Não.* Quando uma pessoa é queimada? *Quando a bola acerta alguma parte do corpo e bate no chão.* Quando você pode pegar a bola pra jogar? *Quando a bola tiver no meu campo.* Só no seu campo ou você pode pegar fora? *Hum...só quando ta dentro do campo.* Quando termina o jogo? *Quando o time do outro lado acabar todas as pessoas.* Qual o objetivo desse jogo? *Queimar todas as pessoas do outro time.* Com quem você aprendeu a jogar bola queimada? *Com as professoras da escola.* Durante o jogo a gente pode mudar as regras? *Não. Nunca? Nunca.* E o que acontece com a pessoa que desobedece alguma regra? *Ela sai do jogo. E quem tira ela? O professor ou a pessoa que está comandando.*

APÊNDICE O

Iná. (9 anos)

Você sabe quem inventou o jogo de bola queimada? *Não. E como foi inventado? Não. Como a gente começa o jogo? Escolhendo os times, um vai na reserva e depois escolhe quem vai começar com a bola. Quantas pessoas podem ter em cada equipe? Ah...o mesmo tanto, tipo 10 ou 15. Tanto faz, mas tem que ser o mesmo tanto dos dois lado? Sim. Sempre? Sim. Quando o reserva pode entrar no campo pra jogar? Quando tem pouca pessoa no time ou ele dá vida. Quando você pode pegar a bola pra jogar? Quando a bola tiver no meu campo. Só no seu campo ou você pode pegar fora? Sempre no meu campo. Foi isso que você fez no jogo? Não. Por quê? Porque eu esqueci. A gente pode pisar nas linhas pra jogar? Não. E o que você fez? Pisei. Quando uma pessoa é queimada? Quando a bola bate na pessoa e cai no chão. Quando termina o jogo? Quando acabar todas as pessoas do outro time. Qual o objetivo desse jogo? É o time ganhar, queimar as pessoas e...ganhar, fazer o ponto. Com quem você aprendeu a jogar bola queimada? Sozinho. Durante o jogo a gente pode mudar as regras? Não. E o que acontece com a pessoa que desobedece alguma regra? Hum... ele sai do jogo.*

APÊNDICE P

Gui. (9 anos)

Você sabe quem inventou o jogo de bola queimada? *Não. Imagina quem foi? Hum...Albert Einstein. Por que você acha que foi ele? Como surgiu esta ideia? Porque...ah...porque ele era muito esperto e todos achavam que ele era maluco, mas meu pai me contou que na verdade ele não era maluco, ele era muito inteligente e eu pensei que ele podia ter inventado o jogo de bola queimada. Como a gente começa o jogo? Primeiro as equipes é...como eu posso dizer...é...decidem quem começa com a bola e com o campo e começa a jogar. Quantas pessoas podem ter em cada equipe? Em cada equipe...deixa eu pensar..ah... 11 jogadores eu acho. Quando o reserva pode entrar no campo pra jogar? Bom, se ele tiver vida ele pode entrar no campo pra jogar, é isso. Quando você pode pegar a bola pra jogar? Quando uma pessoa do time for queima...aí...ah...quando uma pessoa for queima. Mas você pode pegar a bola dentro do seu campo, fora do seu campo, como é isso? Dentro do seu campo porque é mais fácil e melhor. Mas então eu posso pegar fora? Pode. Quando uma pessoa é queimada? Quando a bola bate na pessoa e cai no chão. Quando termina o jogo? Quando todos os jogadores de um time forem queimados. Qual o objetivo desse jogo? Que todos os jogadores sejam queimos. Todos das duas equipes? Não, de uma equipe. Com quem você aprendeu a jogar bola queimada? Com meu pai. Durante o jogo a gente pode mudar as regras? Ah...acho que não. E o que acontece com a pessoa que desobedece alguma regra? É expulso do jogo. Por quem? Pelo juiz.*

APÊNDICE Q

Joa. (9 anos)

Você sabe quem inventou o jogo de bola queimada? *Não. E como foi inventado? Não. Como a gente começa o jogo? Quando time tiver preparado pra jogar, quando tiver o time completo. Quantas pessoas podem ter em cada equipe? O mesmo tanto que tiver. Mas tem que ser o número igual das equipes? Igual. Sempre igual? (faz que sim com a cabeça). Quando o reserva pode entrar no campo pra jogar? Quando for queimado uma pessoa do outro time. Do outro time ou do seu time? Do dele. Como você queima uma pessoa? Você joga a bola nele. Quando você pode pegar a bola pra jogar? Quando a bola tiver dentro do seu campo e não fora da área. Quando termina o jogo? Quando todo mundo do outro time tiver queimado. Qual o objetivo desse jogo? Queimar todas as pessoas do outro time. Com quem você aprendeu a jogar bola queimada? Ah...com muitas pessoas. Durante o jogo a gente pode mudar as regras? Não. Nunca? Não. E o que acontece com a pessoa que desobedece alguma regra? A pessoa que tá comandando o jogo tira ele e ele fica de fora.*

APÊNDICE R
Luc. S. (9 anos)

Você sabe quem inventou o jogo de bola queimada? *Não. E como foi inventado? Não. Como a gente começa o jogo? Quem comanda o jogo joga a bola pra cima e o time que pegar a bola começa o jogo. Quantas pessoas podem ter em cada equipe? Hum...não sei...é...11. Sempre vai ser um número igual dos dois lados ou pode ser diferente? É...o número igual dos dois lados. Como você sabe que uma pessoa foi queimada? É...quando a bola bate nela. Então o que eu preciso fazer para conseguir queimar uma pessoa? Jogar a bola e tentar acertar nela. Quando você pode pegar a bola pra jogar? Quando alguém dá a bola pra mim ou eu pego. Você pode pegar em qualquer lugar a bola? Não, tem que tar no meu campo. Quando termina o jogo? Quando quem queimar mais pessoas do outro time. Qual o objetivo desse jogo? Queimar mais pessoas. Com quem você aprendeu a jogar bola queimada? Com muitas pessoas. Durante o jogo a gente pode mudar as regras? Não. Nunca? Nunca. E o que acontece com a pessoa que desobedece alguma regra? Quem comanda o jogo, tira ele pra fora do jogo.*

APÊNDICE S
Luc. G. (9 anos)

Você sabe quem inventou o jogo de bola queimada? *Não. E como foi inventado? Não, não sei tia. Como a gente começa o jogo? A gente começa dividindo os times. Quantas pessoas podem ter em cada equipe? O mesmo tanto, senão não da pra jogar. Quando o reserva pode entrar no campo para jogar?não sei tia. Acho que quando...da pra...sei lá tia. Não sei quando ele pode entrar. Como você sabe que uma pessoa foi queimada? Quando a bola bate na pessoa. O que você precisa fazer para queimar uma pessoa? Jogar a bola na pessoa. Quando você pode pegar a bola pra jogar? é...quando ta no meu...quando a bola ta no meu time. Quando termina o jogo? Quando todas as pessoas do grupo adversário são queimas. Qual o objetivo desse jogo? É queimar todas as pessoas do time adversário. Com quem você aprendeu a jogar bola queimada? É... com meus amigos. Durante o jogo a gente pode mudar as regras? Não. E o que acontece com a pessoa que desobedece alguma regra? É...nossa não sei tia...acho que ta fora, ou....acho que ta fora.*

APÊNDICE T
Eme. (9 anos)

Você sabe quem inventou o jogo de bola queimada? *Não. E como foi inventado? Não. Como a gente começa o jogo? Quando o reserva joga bola tentando acertar o outro time? Quantas pessoas podem ter em cada equipe? Hum...cinco? Tem que ser um número igual para as duas equipes ou diferente? Tem que ser igual. Sempre igual? Ah, algumas vezes. Quando pode e quando não pode ser? Quando não tem o tanto de pessoas certas. Quando o reserva pode entrar no campo para jogar? Quando ele tiver uma vida? Como você sabe que uma pessoa foi queimada? Que a bola acertou nela sem relar no chão. O que você precisa fazer para queimar uma pessoa? Eu pego a bola jogo nela e se pegar nela sem acertar o chão ela ta pega. Quando você pode pegar a bola pra jogar? Quando tiver no meu campo. Quando termina o jogo? Quando sobrar, tiver nenhum jogador do outro time. Qual o objetivo desse jogo? Se divertir? Com quem você aprendeu a jogar bola queimada? Com o professor de Educação Física. Durante o jogo a gente pode mudar as regras? Não. Nunca? Nunca. E o que acontece com a pessoa que desobedece alguma regra? Pode ser pego. Como? Ah, você vai pro outro time. Fica junto com o homem da reserva.*

APÊNDICE U

Let. (9 anos)

Você sabe quem inventou o jogo de bola queimada? *Não. E como foi inventado? Não. Como a gente começa o jogo? Escolhendo os times e o reserva começa com a bola. Quantas pessoas podem ter em cada equipe? Ah eu não sei. Tem que ser um número igual para as duas equipes ou diferente? Pode ser diferente quando não tiver pessoas pra dar o time igual. Quando o reserva pode entrar no campo para jogar? Quando ele tiver vida. Como você sabe que uma pessoa foi queimada? Quando a bola rela nela. O que você precisa fazer para queimar uma pessoa? Tentar jogar a bola e queimar ela sem a bola cair no chão. Quando você pode pegar a bola pra jogar? Quando tiver no meu campo. Quando termina o jogo? Quando todo mundo queima as outras pessoas do time. Do seu ou do outro time? Do outro time. Qual o objetivo desse jogo? É queimar todas as pessoas do outro time. Com quem você aprendeu a jogar bola queimada? Com o professor de Educação Física. Durante o jogo a gente pode mudar as regras? Não. Nunca isso acontece? Acontece algumas vezes. Quando isso acontece? Às vezes quando a gente ta brincando e a gente quer que mude as regras. Quem decide mudar? Ah, eu não sei. E o que acontece com a pessoa que desobedece alguma regra? Pode ser queimado, mas às vezes não é.*